Só se vê bem com o coração,

o essencial é invisível aos olhos.

Pequeno Príncipe

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Centro de Artes

Curso de Dança Licenciatura



Trabalho acadêmico de conclusão de curso

**O despertar para docência:** do PIBID Dança para a sala de aula

**Ivânia Silva de Oliveira**

Pelotas, 2018

**Ivânia Silva de Oliveira**

**O despertar para docência:** do PIBID Dança para a sala de aula

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Dança.

Orientadora: Profª Drª Eleonora Campos da Motta Santos

Pelotas, 2018



Dedico esse trabalho ao melhor exemplo de força, coragem e amor que eu tive na vida. Marisa da Silva de Oliveira esse TCC é para você MÃE. Te Amo.

# Agradecimentos

Sempre achei que essa seria a parte mais fácil de todo o trabalho, bastava escrever: “Obrigada primeiramente a Deus, minha família, meus amigos e todos que me acompanharam nesta jornada”. Fim! Porém, não! Foi um caminho tortuoso, longo e difícil em vários sentidos. E quanto mais difícil ele se tornava, mais e mais pessoas incríveis foram aparecendo e me levando pela mão. Como posso resumir toda essa gratidão com a simples frase acima? Ao menos para mim é impossível. Obviamente não vou ter como colocar todos os nomes, porque além de ter certeza que irei esquecer-me de citar muitas pessoas, não há espaço suficiente! Mas sem mais delongas vamos lá...

Primeiramente agradecer ao grande Pai Oxalá, aos meus anjos da guarda e aos meus guias, por que durante essa caminhada dei muito trabalho a eles e sei que sem eles eu não teria chego até aqui.

Gratidão eterna aos meus tios, tias, primas e primo, muito obrigado, por todo apoio que me deram, desde a escolha do curso, a mudança, as correrias e toda a ajuda que mesmo com a distância, fez eu me sentir próxima de vocês. E muito, muito obrigada por cuidarem e zelarem do bem mais precioso que eu deixei ai em Porto Alegre, minha mãe. Nada no mundo traduzirá a gratidão que sinto. Essa conquista é de todos nós.

Sou e sempre serei eternamente grata pela família maravilhosa que Pelotas me deu: Mauricio Díaz e Vera Díaz que me receberam de braços abertos na vida e na casa deles, me deram apoio, puxões de orelha, várias caronas. Muito obrigada por me possibilitarem esse sentimento de estar em família. Meu carinho por vocês é indescritível.

Obviamente eu tenho que agradecer a Verônica Díaz... Mozão obrigada por salvar a minha vida de todas as formas possíveis e impossíveis, pelas correrias mais improváveis, pelas conversas, reflexões, “xingões”, por literalmente cuidar de mim. Obrigada por me mostrar um novo modo de ver e crer nas coisas, me mostrar que eu sou muito mais do que eu sempre acreditei ser, mas principalmente Vê, quero te agradecer por nunca desistir de mim. Te amo!

A minha querida orientadora Eleonora Santos, eu não tenho palavras para traduzir a gratidão por toda essa loucura que passamos. Você me segurou e apoiou em todos os momentos e decisões dessa caminhada, que (no melhor estilo montanha russa) trilhamos juntas. E conseguimos! Só quero te dizer mais umas mil vezes: Muito obrigada (e ainda é pouco).

Professora Andrisa Zanella, mas uma vez a palavra obrigada não se faz o suficiente aqui... Sou eternamente grata por ter tido a oportunidade de ter uma professora como você em minha vida. Obrigada por me fazer enxergar meu potencial quando nem eu mesmo o enxergava, por acreditar em mim e embarcar em minha caminhada. De aluna a professora a coreografa/diretora. Gratidão.

Aos Professores do Curso de Dança que tive a honra de ter em minha jornada, quero lhes dizer muito obrigada. Vocês deixaram em mim, um pouquinho de vocês. Vocês me ensinaram a filtrar o “bom” e o “ruim” e sempre tirar o melhor de tudo. Tenho certeza que serei uma grande professora por ter tido grandes professores.

Para Carolina Diel e Mauriane Cauduro amigas maravilhosas que deixei em Porto Alegre, que além de me apoiar durante essa caminhada, estiveram proporcionando companhia a “Tia Marisa”. Obrigada por isso meninas, amo vocês.

Amanda Cidinha, Diegne Alexandre, gente os melhores cafés da manhã no RU foram com vocês, obrigada por tudo. Joice Soares, Maria Moura, Rebeca Martins, gratidão eterna a cada um de vocês que me aguentaram reclamando da faculdade, dos problemas da vida e que gastaram um tempo de suas vidas comigo. Meu carinho por vocês é gigante.

Não posso deixar de agradecer á todos àqueles que foram chegando e se achegando em minha caminhada dentro do curso e aos pouquinhos fazendo parte da minha vida, vocês tornaram meus dias mais leves. Não vou escrever o nome de cada um de vocês aqui, por que né, vocês sabem: Se tem uma coisa que eu não sou é obrigada.

Gratidão aos meus queridos entrevistados, sem vocês o trabalho não seria possível.

Ao PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência) e toda a coordenação do programa, esse aqui, é sem duvida um dos maiores agradecimentos que tenho a fazer. Graças a ele eu não desisti e segui na universidade, pois o contato com a escola me fez ter certeza que no final de tudo isso eu teria os meus Pequeninos, meus Contemporâneos e meus Danjinhos.

Serei eternamente grata , essa conquista possui um pouquinho de cada um de vocês.

*“São as nossas escolhas, mais do que as nossas capacidades, que mostram quem realmente somos.”*

*Alvo Dumbledore*

# RESUMO

OLIVEIRA, Ivânia Silva de. **O DESPERTAR PARA A DOCÊNCIA**: do PIBID Dança para sala de aula. 2018. 102f Trabalho de conclusão de curso – Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

O presente Trabalho de Conclusão de Curso visou compreender as escolhas profissionais dos bolsistas do PIBID-Dança UFPel, hoje egressos do Curso de Dança-Licenciatura, após suas participações no Programa. Assim como relacionar o PIBID Dança e a inserção da área dentro da escola, além de proporcionar um panorama a cerca do ser professor de Dança. Trazendo autores como Débora Barreto (2008), Isabel Marques (2010), Theresa Purcell Cone e Stephen Cone L. (2015), Marcia Strazzacappa (2006), Érica Verderi (2009) e Maurice Tardif (2002), o referencial teórico aborda um pouco da história da Dança dentro do ambiente escolar, reflexões sobre ser professor e breves históricos a cerca do PIBID e do PIBID- Dança- UFPel. Por meio de entrevistas, a pesquisa de caráter qualitativo e exploratório possibilitou uma percepção mais profunda em relação às influencias da participação no programa na trajetória dos egressos. Uma das conclusões obtidas no presente trabalho apresenta o quanto o PIBID Dança UFPel aproxima e prepara o aluno à realidade escolar em relação a inserção da Dança na escola, possibilita uma ampliação de conhecimentos no âmbito teórico da Dança e desperta, amplia e reforça o desejo do egresso em tornar-se professor de Dança.

Palavras-Chave: Docência, PIBID-Dança, Dança na escola

# RESUMEN

OLIVEIRA, Ivânia Silva de. EL DESPERTAR PARA LA DOCENCIA: del PIBID Danza para el aula. 2018. 102f Trabajo de conclusión de curso – Centro de Artes, Universidades Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

El presente Trabajo de Conclusión de Curso visó comprender las elecciones profisionales de los bolsistas del PIBID-Dança UFPel, hoy egresos del curso de Dança-Licenciatura, después de sus participaciones en el Programa. Así como relacionar el PIBID Dança y la inserción de la area dentro de la escuela, más allá de proporcionar un panorama acerca del profesor de Danza. Traendo autores como Débora Barreto (2008), Isabel Marques (2010), Theresa Purcell Cone e Stephen Cone L. (2015), Marcia Strazzacappa (2006), Érica Verderi (2009) e Maurice Tardif (2002), el referencial teórico aborda un poco de la historia de la Danza dentro del ambiente escolar, reflexiones acerca del profesor y breves historicos acerca del PIBID e del PIBID-Dança UFPel. Por medio de entrevistas la investigación del caracter cualitativo y exploratorio, posibilitó una percepción más profunda en relación a las influencias de la participación en el programa en la trajetoria de los egresos. Una de las concluciones obtenidas en el presente trabajo presenta cuanto el PIBID-Dança UFPel aproxima y prepara al alumno a la realidad escolar en relación a inserción de la Danza en la escuela, posibilita una ampliación de conocimientos en el ámbito teórico de la Danza y despierta, amplia y refuerza el deseo del egreso en tornarse profesor de Danza.

Palabras chavez: Docencia, PIBID-Danza, Danza em la escuela

Sumário

[Agradecimentos 6](#_Toc533587115)

[RESUMO 10](#_Toc533587116)

[RESUMEN 11](#_Toc533587117)

[1. Introdução 13](#_Toc533587118)

[2. Referencial Teórico 18](#_Toc533587119)

[2.1. A Caminho da docência em Dança 19](#_Toc533587120)

[2.2. Panorama histórico do PIBID 28](#_Toc533587121)

[2.3. O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência UFPel - Subprojeto Dança 31](#_Toc533587122)

[3. Metodologia 33](#_Toc533587123)

[4. Analise de dados 38](#_Toc533587124)

[4.1. Contemplando pontes 39](#_Toc533587125)

[4.2. Visibilidade/espaço: A dança dentro da escola 41](#_Toc533587126)

[4.3. Percepções sobre experiências no PIBID 46](#_Toc533587127)

[4.4. Ser Professor (a) 50](#_Toc533587128)

[Considerações Finais 54](#_Toc533587129)

[Referências 58](#_Toc533587130)

[Apêndice 62](#_Toc533587131)

[Anexo 98](#_Toc533587132)

# Introdução

Descobrir em si a inclinação para docência torna-se algo importante ao entrar em um curso de licenciatura, pois nem todos que atuam como professores possuem esta aptidão. Não, isso não é uma crítica, e sim um fato para se refletir. Dentro dessa reflexão, faço um recorte para o mundo da Licenciatura em Dança, dissertando acerca deste despertar para a realidade que é levar a Dança para dentro de uma escola. Quantos estudantes ao entrar em um curso de Licenciatura em Dança, acabam por terminar sua graduação não se reconhecendo como um professor que atuará dentro de uma escola e por isto não exercendo a sua formação?

Para que este possível despertar para a docência em dança ocorra dentro de uma escola, a universidade proporciona experiências práticas que vão lapidando e auxiliando o graduando a se experimentar como futuro professor do espaço formal de ensino. Entre estas experiências encontra-se o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência conhecido como PIBID[[1]](#footnote-1). No presente trabalho trataremos do PIBID Dança UFPel[[2]](#footnote-2). Por ser um programa que, insere o licenciando na realidade escolar (por vezes antes mesmo do estágio obrigatório oferecidos nos cursos de Licenciatura), pode ser reconhecido como um motivador para despertar o interesse pela docência na educação formal. Por meio do programa, o bolsista passa a conviver com a realidade que o espera depois de graduado, tendo assim que se adaptar às possibilidades do lugar em que está ao mesmo tempo desenvolve sua prática.

Participei do PIBID Dança UFPel por dois anos e esta experiência me proporcionou uma prévia do que é ministrar aulas de dança em escolas da rede pública de ensino, em Pelotas. Minha atuação no PIBID Dança UFPel, entre ao anos 2016 e 2018, fez com que fosse possível compreender o que é ser uma professora dentro de uma escola de educação formal. A realidade de uma escola pública no Brasil e em Pelotas, por vezes, encontra-se totalmente diferente da realidade de uma academia ou escola privada de dança. Em uma escola pública normalmente não se tem um local para aulas de dança, pois, algumas não possuem estruturas ou um lugar adequado para que ocorram aulas. Nós licenciandos, no exercício docente, temos que criar diferentes estratégias para que as aulas sejam ministradas com o mínimo de organização que uma aula de dança necessita.

Já uma academia de dança, possui um estereótipo de ser ambiente pensado e equipado para que as aulas ocorram com toda a estrutura necessária, fazendo assim com que se acredite que lá é só chegar e ministrar aulas. O que pode não ocorrer, pois nem todas as academias são de fato totalmente preparadas para tal. Esta realidade em relação a dar aulas em escola não me assustou e sim fez com que eu tivesse este “despertar para a docência”. Foi desafiador, instigador e inspirador, pois me fez querer estar ali, querer me integrar a aquele ambiente onde ainda estamos conquistando o nosso espaço a passos de formiga. Tendo em vista esta vivência, chego a um ponto da minha formação em que dentro do meu trabalho de conclusão de curso, quis trazer meus relatos acerca de minha atuação no PIBID.

Ao mesmo tempo em que fiquei instigada em saber em que medida relatos de colegas da Dança que, assim como eu, tiveram a experiência no referido programa, apontam esse desejo de ser professor de dança dentro de uma escola ter sido reforçado e ou despertado durante o tempo de bolsa. Após identificar estas inquietações, desenvolvi pesquisa exploratória de carácter qualitativo com o propósito de uma maior aproximação com meu tema de interesse, criando assim a possibilidade de explanar e problematizar o assunto. Para tal, foram pesquisadas publicações: Anais de eventos, dissertações, teses e artigos em portais como: Scielo, Periódicos Capes, Google Acadêmico e Portal Educapes, para que eu pudesse compreender como e se o tema vem sendo abordado em estudos e pesquisas.

As primeiras palavras chaves utilizadas para dar início a esta pesquisa foram: PIBID e formação de professores. Muitos dos trabalhos encontrados dissertam acerca do PIBID de áreas como física, química, matemática, geografia, entre outras. Estes trabalhos, como por exemplo: **PIBID como Formação de Professores: reflexões e considerações preliminares** (SOCZEK, 2011) e **Licenciandos em Arte da UERGS: Artes Visuais, Dança, Música e Teatro participando do PIBID/CAPES** (WOLFFENBÜTTEL, 2012) trazem relatos reflexivos sobre as práticas dos bolsistas dentro das escolas nas quais atuaram, abordando o programa como ponto positivo na formação do futuro professor e no contato da universidade com a escola. Estes trabalhos discorrem sobre o PIBID como um auxiliar na formação de professores trazendo dados da importância do programa inserir jovens dentro da escola, ressaltando que está oportunidade proporciona uma maior experiência para tornar os bolsistas professores mais preparados para o futuro.

A fim de aproximar a pesquisa ao recorte do tema que mais me interessava, alterei as palavras chaves da busca para: PIBID Dança, PIBID UFPel, professor de Dança, Dança na escola e formação docente em dança. A partir desta nova busca novos trabalhos foram encontrados. Por acrescentar as palavras ‘dança’ e ‘UFPel’ à busca, foi possível encontrar trabalhos apresentados em eventos promovidos pelo próprio PIBID e livros que abordam a dança dentro da escola. É possível destacar as seguintes publicações: **Políticas Públicas de Formação de Professores: a construção de saberes docente na formação inicial e continuada em serviço no contexto PIBID** (2013), de Ana Lúcia Pereira Baccon et al.; **As Repercussões do PIBID na formação inicial de professores** (2012), de Andressa Wiebusch e Nara Vieira Ramos; e **As contribuições do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência para a formação docente** (2012), de Gleicy Calhau Gomes e Fátima Aparecida da Silva Iocc.

Ao assumir o termo PIBID Dança na busca, encontramos trabalhos específicos sobre a área e que dissertam sobre o PIBID Dança, em sua maioria, apontando: A inserção da dança na escola, a busca do reconhecimento da área dentro do ambiente escolar, o movimento e quebra de paradigmas desta relação dança/escola, assim como relatos e reflexões sobre a prática dos bolsistas dentro da escola e suas ações disciplinares e interdisciplinares dentro do programa. O diferencial durante esta pesquisa foram trabalhos que ressaltaram a importância da inserção da dança dentro da escola por meio do PIBID. Abordando o programa como uma ferramenta para que a dança seja integrada e apresentada para a comunidade escolar como um todo, possibilitando um novo olhar a cerca da dança na escola.

Além destes trabalhos já citados anteriormente, deparei-me com autoras como Clarice Contreiras (2012), Marília Curvelo (2012), Flavia Pilla do Valle (2014), Janine Lopes Ott (2016), autores que trazem relatos de experiências com ricos detalhes acerca da realidade de ministrar aulas de Dança dentro do ambiente escolar de maneira regular. Tornando assim seus trabalhos fonte de referência para a construção da problematização.

Estas publicações supracitadas em um primeiro momento se aproximam da presente pesquisa, por abordar o PIBID pela ótica dos bolsistas, contribuindo como fontes de referência para a problematização do meu assunto de interesse. Porém se diferenciam ao apresentar o programa como já elencado anteriormente: um meio de ligação entre universidade e escola, como experiência prévia à atuação profissional e como criador de novas metodologias de ensino. Ou seja, partem de relatos, mas sem ter como foco principal reflexões que relacionem, especificamente, a atuação de bolsistas no programa e o despertar ou consolidação do desejo de ser professor. Logo, ressalto que, por meio da busca exploratória, não foram encontrados trabalhos que focalizassem ou apontassem reflexões totalmente direcionadas à compreensão do programa como de fato um motivador para seguir a carreira docente a partir das percepções dos bolsistas.

Vale ressaltar que ao pesquisar por PIBID – DANÇA,foi possível encontrar trabalhos referentes aos encontros promovidos pelo programa dentro e fora da UFPel, como o Encontro de Graduações na UFRGS em 2016 e trabalhos publicados em eventos como ENLIC, ENALIC e outros promovidos pelo programa. Trabalhos estes que contaram com participações e autorias de bolsistas do PIBID Dança UFPel. Encontrar estas publicações de alunos e ex-alunos proporciona uma maior motivação por possibilitar ler e utilizar trabalhos de colegas e professores como, por exemplo, o trabalho: **Dançando com o PIBID: Reflexões a partir da atividade interdisciplinar no II encontro do PIBID UFPel** de (COELHO, ALMEIDA, AULER, BOTELHO, 2013) que constroem reflexões acerca da interdisciplinaridade do PIBID UFPel. Tais trabalhos proporcionaram mais referencias sobre o assunto abordado e permitiram melhor elaborar o item 2.2.1 desta monografia.

Porém foi perceptível a falta de resposta acerca do impacto do programa nas escolhas da vida profissional dos bolsistas, sobre a ótica da qual a e pesquisa aqui referida busca. Assim, apresento como o principal pergunta norteadora desta monografia a questão: Como a experiência dentro do PIBID Dança UFPel, se relaciona com as práticas profissionais dos bolsistas que nele atuaram, e que hoje são egressos do Curso de Dança-Licenciatura? Com isto o objetivo geral tem o intuito de Identificar, nos bolsistas do PIBID-Dança UFPel, hoje egressos do Curso de Dança-Licenciatura, como relacionam suas participações no Programa com as práticas profissionais que tem feito. Já os objetivos específicos da monografia são: 1. Registrar as características do PIBID- Dança UFPel no período; 2. Descrever a percepção dos bolsistas, hoje egressos do Curso, sobre a experiência da iniciação à docência no PIBID-Dança da UFPel; 3. Refletir sobre de que modo à participação no Programa influencia/influenciou nas práticas profissionais desses ex-bolsistas e na presença da Dança na escola.

A presente monografia apresenta-se da seguinte forma: Iniciamos com uma Introdução, a seguir, partimos para o referencial teórico onde, dividido em três subtítulos: Intitulados de: **A CAMINHO DA DOCÊNCIA**: onde é possível, obter um panorama a cerca do histórico e inserção da dança na escola. Logo seguimos com o subcapitulo: **PANORAMA HISTÓRICO DO PIBID**: Onde disserto a cerca da criação e desenvolvimento do programa. O ultimo subcapitulo **PIBID DANÇA UFPel** traz um rápido histórico sobre a inserção do Curso de Dança dentro do programa. No segundo capitulo apresentamos a **METODOLOGIA**, onde é exposta a maneira de como se desenvolveu esta monografia. Seguindo assim para o capitulo de **ANALISE DE DADOS**, **CONCLUSÃO**, **REFERÊNCIAS**, **APÊNDICES** e **ANEXOS**.

# Referencial Teórico

A partir da problematização e pergunta que norteiam esta monografia, percebemos necessário construir referenciais teóricos que abordassem compreensões sobre ser professor, ser professor de dança e sobre atuar como tal no espaço formal de educação, ensinando Dança. Além disso, aprofundar a percepção sobre a caminhada histórica e conceitual do PIBID, tanto enquanto programa nacional de política pública em educação e como os moldes em que foi implementado e desenvolvido na UFPel e na área da Dança, também apareceu como relevante. São sobre estes dois universos de conceitos que tratam os itens a seguir.

# A Caminho da docência em Dança

A busca exploratória para a definição do problema desta pesquisa também permitiu identificar autores já conhecidos no meio da Dança devida suas reflexões tanto sobre a relação entre Dança e Escola como sobre a formação de professores em geral e em dança. Nomes tais como Débora Barreto (2008), Isabel Marques (2010), Theresa Purcell Cone e Stephen Cone L. (2015), Marcia Strazzacappa (2006), Érica Verderi (2009) e Maurice Tardif (2002) são os principais para a organização deste item do referencial teórico.

Ser professor, pode se dizer, não é uma tarefa fácil, pois os mesmos tem que, por vezes, se desdobrar em muitos. Ao longo de minha caminhada como discente (tanto na escola pública quanto na universidade) tive contato com professores que estavam em sala, mas não ensinavam somente a sua disciplina, ensinavam a nós seus alunos, a ver as coisas de forma diferenciada. Muitos dos meus professores foram meus amigos, psicólogos, e até mesmo, assistente social. Ou seja, ao menos para mim, na época da escola eu via meus professores como a única pessoa em que o aluno confiava e que estavam ali por mim e meus colegas.

Acrescento estes fatos, pois foram a minha realidade na época da escola. Obviamente quando criança eu não percebia as coisas desta forma, mas o crescimento e amadurecimento me fez perceber o quanto meus professores foram muito além de professores para mim em sala de aula. E essa reflexão faz com que eu deseje ser para os meus futuros alunos, uma professora com um pouquinho de cada qualidade que meus professores mostraram para mim. Vale ressaltar que não tive somente bons professores ao longo de minha caminhada discente, porém os “ruins” também me foram de grande ensinamento, pois me mostraram o tipo de professor que não quero ser.

Nesta monografia trataremos de outra figura que também recebe o título de professor, mas com um acréscimo: Professor de dança. Sabemos que o professor de dança não é profissão nova, mas que, historicamente, está associado ao espaço não formal de ensino. Buscando ao longo dos registros históricos (PORTINARI 1989, p. 55-56 apud STRAZZACAPPA, 2012, p. 45), é possível compreender que a figura do

[...] "professor de dança" no ocidente data do final do século XII, sendo que os artistas trovadores que se apresentavam como mascotes feudais para divertir a nobreza ficaram encarregados de ensiná-la. Na época, eram as danças aos pares, e esses artistas tinham de adaptar a movimentação tradicional das danças, que, em sua maioria, tinha origem popular, os pesados trajes e ornamentos que a corte usava, sem se esquecer dos bons modos. Alguns movimentos não podiam ser feitos por representar falta de decoro diante do Rei: "A espontaneidade inicial é substituída pelo floreio dos passos, pela postura estudada, pela movimentação codificada. Esse processo determina a necessidade de mestres que vão começar a aparecer nas cortes renascentistas”. (PORTINARI 1989, p. 55-56 apud STRAZZACAPPA, 2012, p. 45).

Podemos aqui refletir como os professores de Dança ainda se deparam com este tipo de demanda. Na escola, em muitos casos a dança não está na grade curricular, o que faz com que este professor ainda seja aquele do espaço não formal. Mas como assim espaço não formal? Espaço não formal de dança é o que chamamos de academias, onde é possível aprender os mais diversos gêneros de dança. Em sua maioria são locais particulares, onde o ensino da dança é pago ou ensinado pela concessão de bolsas de estudos. Nestes locais o foco, em sua maioria, é o ensino de gêneros (ballet, jazz, danças urbanas, etc.), “repasse” e criação de coreografias a fim de apresentar em espetáculos de fim de ano. Isto é uma coisa ruim? Obviamente que não. Como futura professora de Dança, fico feliz em ver estes locais cheios de alunos. Falaremos destas diferenças (local formal e informal de ensino) mais adiante.

Porém voltando ao nosso foco anterior, imaginem se a dança já estive inserida na grade curricular da escola, sendo ministrada por um profissional formado na área e com o mesmo reconhecimento que, por exemplo, a matemática possui. Seria incrível não é mesmo? Mas ainda encontramos a dança dentro da escola como a já citada atividade extracurricular. Sendo assim na maioria das vezes

[...] As atividades costumam ser realizadas no horário oposto ao período regular de aulas, ou seja, se a criança é do turno matutino, suas aulas de dança acontecem à tarde e vice-versa. Para os adolescentes dos cursos noturnos, as atividades são geralmente oferecidas aos sábados. A atividade de dança é optativa, mas uma vez inscrito, o aluno deve ter compromisso e responsabilidade, sendo assíduo nas aulas para não perder a vaga. (STRAZZACAPPA, 2003, p. 76).

No espaço formal (escolar) a presença da dança é bem mais recente o que faz com que, ou ela seja uma atividade do turno inverso, ou aquela da qual somente participa quem tem vontade, ou ainda com o foco direcionado as festividades escolares. Em contra partida, quando a Dança consegue adentrar na grade curricular da escola, como uma disciplina, a mesma pode acabar sendo colocada como ferramenta para o auxílio de outras disciplinas ou, ainda, como forma de ensaios para apresentações escolares.

Quando inicio essa discussão recordo-me de minha adolescência, onde nas aulas de educação física tínhamos duas opções, participar dos esportes oferecidos (futebol, vôlei, handebol, entre outros) ou dançar. Esse dançar era juntar um grupo quase sempre formado por meninas para reproduzir alguma coreografia do momento para apresentar em alguma festividade da escola. E como citei em minha introdução, eu era a primeira a ir correndo para a sala de educação física, já com várias ideias e coreografias decoradas da mídia no corpo prontas para passar para as alunas que assim como eu queriam dançar ao invés de praticar os esportes oferecidos. Recordo desse momento com carinho, pois ali, mesmo que inconsciente, já estava à futura professora de dança que aqui escreve este trabalho.

Buscando compreender um pouco mais sobre a presença da dança dentro da escola, recorro aos PCNs[[3]](#footnote-3) da Educação Física, pois na escola, muitas vezes a dança é remetida primeiro a ED. Física, como citado anteriormente em minhas recordações de escola.

[...] A Educação Física é entendida como uma área que trata de um tipo de conhecimento, denominado cultura corporal de movimento, que tem como temas o jogo, a ginástica, o esporte, a dança, a capoeira e outras temáticas que apresentarem relações com os principais problemas dessa cultura corporal de movimento e o contexto histórico-social dos alunos. (BRASIL, 1998, p. 26).

Podemos ver nesta citação a palavra DANÇA. Com isso, trago um questionamento: O que é, e como é a Dança na Educação física dentro da escola? De acordo com BRASIL, (1998), os conteúdos da E.F. são divididos em blocos sendo que aquele destinado ao terceiro e quarto ciclo de ensino preveem expressamente a dança como conteúdos, a saber:

Conceitos e procedimentos: Atividades rítmicas e expressivas Compreensão dos aspectos histórico-sociais das danças. [...] Percepção do ritmo pessoal. Percepção do ritmo grupal. Desenvolvimento da noção espaço/tempo vinculada ao estímulo musical e ao silêncio com relação a si mesmo e ao outro. Exploração de gestos e códigos de outros movimentos corporais não abordados nos outros blocos. Compreensão do processo expressivo partindo do código individual de cada um para o coletivo (mímicas individuais, representações de cenas do cotidiano em grupo, danças individuais, pequenos desenhos coreográficos em grupo). Percepção dos limites corporais na vivência dos movimentos rítmicos e expressivos. Predisposição a superar seus próprios limites nas vivências rítmicas e expressivas. Vivências das danças folclóricas e regionais, compreendendo seus contextos de manifestação (carnaval, escola de samba e seus integrantes, frevo, capoeira, bumba-meu-boi etc.). Reconhecimento e apropriação dos princípios básicos para construção de desenhos coreográficos e coreografias simples. Vivência da aplicação dos princípios básicos na construção de desenhos coreográficos. Vivência das manifestações das danças urbanas mais emergentes e compreensão do seu contexto originário. Vivência das danças populares regionais, nacionais e internacionais e compreensão do contexto sociocultural onde se desenvolvem. (BRASIL, 1998, p. 78 e 79).

Com esse pouco que trouxe é possível perceber o quanto a dança esta inserida na educação física, assim como, de certo modo, se insere em outras áreas, de acordo com ao que nos coloca Strazzacappa (2003):

[...] A dança trabalha o corpo e o movimento do indivíduo, mas isso a Educação Física também faz. A dança desenvolve noções rítmicas, mas a música também. A dança amplia as noções espaciais da criança e do adolescente, situando-os no tempo e no espaço e desenvolvendo sua expressão corporal, mas o teatro também. A dança preocupa-se com a educação estética, mas as artes plásticas também. A dança proporciona o desenvolvimento da criatividade e da sensibilidade, mas isso todas as linguagens artísticas proporcionam... Afinal, o que é exclusivo da dança? (STRAZZACAPPA, 2003, p. 74 e 75).

Assim, se a dança “faz tudo que todos fazem”, “tem tudo que os outros têm” ou ainda “todos tem um pouco de dança”. Então, por que ela de fato precisa estar dentro da escola como uma disciplina especifica e não seguir somente ou como um conteúdo da Ed. Física ou como atividades extracurriculares? Porque a dança ainda precisa ser reconhecida de fato como arte na escola, cumprindo o que prevê a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, nº 13278/16, no seu artigo 1ª que diz:

Art. 1o  O § 6o do art. 26 da [Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996](http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/LEIS/L9394.htm), passa a vigorar com a seguinte redação:

“Art. 26.  .................................................................

....................................................................................

[§ 6o](http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/LEIS/L9394.htm#art26%C2%A76.)As artes visuais, a dança, a música e o teatro são as linguagens que constituirão o componente curricular de que trata o § 2o deste artigo.

...............................................................................” (NR) (BRASIL, 2016)

Portanto, e concordando com Brasil (2016), para que se atue como professor de dança dentro do componente curricular Arte e se ministre aulas na rede formal de ensino é necessário cursar uma licenciatura, assim como acontece nas outras disciplinas. Pode-se dizer que os cursos de Licenciatura em Dança são ainda jovens no nosso país se comparado com as licenciaturas em matemática em português, por exemplo. Vamos para um pouco de história, de acordo com (VIEIRA, 2015):

O crescente número de cursos de nível superior em Dança no Brasil é recente. Tal criação desses cursos advém do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni) como uma proposta dos últimos governos federais brasileiro de ampliar a educação de nível superior para todos e cujo objetivo é avultar o acesso e a permanência na educação superior. (VIEIRA, 2015, p. 26)

Agora já sabemos de onde vieram tantos cursos superiores de Dança no Brasil, mas ainda podemos aprofundar mais nessa questão, e passar do mais antigo ao mais novo curso de Dança criado no Brasil. Sendo assim, VIEIRA, 2017, p. 3 afirma:

[...] Nos rastros dessa história/memória a Dança se configura como área de conhecimento em 1956 com a criação do Curso de Dança da Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e somente duas décadas posteriores foi-se criado outros cursos de Dança no Brasil.

Ainda de acordo com Vieira, 2017, p. 3, após a criação do curso na UFBA surgiram por volta de 32 novos cursos de dança no Brasil, divididos entre as regiões: Norte, Nordeste, Centro- Oeste, Sudeste e Sul. Ainda é possível fazer mais divisões como destas 33 (agora incluindo a UFBA) 10, possuem ambos os cursos (Licenciatura e Bacharel), 20 oferecem somente o curso de licenciatura, 2 somente o curso de bacharel, sendo 9 privadas, 19 Federais, 6 estaduais.[[4]](#footnote-4) No anexo A é possível visualizar mais detalhes a cerca das universidades aqui citadas. De acordo com o Parecer CNE/CES n. 0195/2003, aprovado em agosto de 2003.

[...] ”O curso de graduação em Dança deve propiciar uma formação profissional com duas vertentes: a primeira comprometida em formar o profissional envolvido com a produção coreográfica e o espetáculo de dança e a outra voltada não só para o profissional que trabalha com a reprodução do conhecimento como também para o que trabalha com o ensino das danças, especialmente para portadores de necessidades especiais ou ainda que utiliza a dança como elemento de valorização” (BRASIL, 2003, p. 4-5)

Aqui chegamos às especificidades requeridas para o curso de dança, onde ainda de acordo com o Parecer CNE/CES n. 0195/2003 podemos complementar estas informações apresentando as competências e habilidades

[...] O curso de graduação em Dança deve possibilitar a formação profissional que revele, pelo menos, as seguintes competências e habilidades:

I - domínio dos princípios cinesiológicos relativos à performance corporal;

II - domínio da linguagem corporal relativo à interpretação coreográfica nos aspectos técnicos e criativos;

III - desempenhos indispensáveis à identificação, descrição, compreensão, análise e articulação dos elementos da composição coreográfica, sendo também capaz de exercer essas funções em conjunto com outros profissionais;

IV - reconhecimento e análise de estruturas metodológicas e domínios didáticos relativos ao ensino da dança, adaptando-as à realidade de cada processo de reprodução do conhecimento, manifesto nos movimentos ordenados e expressivos;

V - domínio das habilidades indispensáveis ao trabalho da dança do portador de necessidades especiais proporcionando a todos a prática e o exercício desta forma de arte como expressão da vida. (BRASIL, 2003, p. 4-5)

A assim como discorre a respeito dos conteúdos curriculares

[...] O curso de graduação em Dança deve contemplar em seu projeto pedagógico e em sua organização curricular, os seguintes conteúdos interligados:

I - conteúdos básicos: estudos relacionados com as artes cênicas, a música, as ciências da saúde e as ciências humanas e sociais, com ênfase em psicologia e serviço social, bem assim com as diferentes manifestações da vida e de seus valores;

II - conteúdos específicos: estudos relacionados com a estética e com a história da dança, a cinesiologia, as técnicas de criação artística e de expressão corporal e a coreografia;

III - conteúdos teórico-práticos: domínios de técnicas e princípios informadores da expressão musical, envolvendo aspectos coreográficos e de expressão corporal, bem como o desenvolvimento de atividades relacionadas com os espaços cênicos, com as artes plásticas, com a sonoplastia e com as demais práticas inerentes à produção em dança como expressão da arte e da vida. (BRASIL, 2003, p. 4-5),

Então, que dança é esta que precisa legitimar seu espaço na escola? A dança como arte, a dança que está para além de ferramenta ou atividades extracurriculares. A dança que buscamos inserir na escola ao longo de nossa caminhada dentro da universidade mostra se uma dança, com conteúdos próprios. Nós quanto professores de Arte-Dança dentro da escola, buscamos um ensino de dança que atravessa a dança espetáculo, recreação, esporte, muleta, que é por vezes disseminada na escola, Tardif, 2002 acrescenta que:

[...] o saber não é uma coisa que flutua no espaço: o saber dos professores é o saber deles e está relacionado com a pessoa e a identidade deles, com a sua experiência de vida e com a sua história profissional, com as suas relações com os alunos em sala de aula e com os outros atores na escola, etc. (TARDIF, 2002, p.11).

Dançar: Sentir a música, sentir o silêncio, perceber o ambiente, perceber o próprio corpo, perceber o corpo do outro, autoconhecimento, autocontrole, autoconfiança. Dançar é expressar-se, comunicar sem precisar de palavras.O dançar proporciona ir além do físico e artístico, instiga a empatia, o respeito, o sensível. Dançar transforma quem dança e o ambiente onde ela acontece. E porque não transportar todas essas sensações para dentro da escola? Para dentro de uma sala de aula? No PCNs de arte o ensino da mesma está da seguinte maneira:

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico, que caracteriza um modo particular de dar sentido às experiências das pessoas: por meio dele, o aluno amplia a sensibilidade, a percepção, a reflexão e a imaginação. Aprender arte envolve, basicamente, fazer trabalhos artísticos, apreciar e refletir sobre eles. Envolve, também, conhecer, apreciar e refletir sobre as formas da natureza e sobre as produções artísticas individuais e coletivas de distintas culturas e épocas. (BRASIL, 1997)

Sendo assim o professor de dança, como citado anteriormente, possui um grande diferencial, pois o mesmo busca lidar com sentimentos, sensações e o fazer artístico. Mesmo que por vezes dentro da escola a dança acabe sendo usada como uma ferramenta para outras disciplinas ou até mesmo como atividade extracurricular, a mesma possui toda uma base histórica e justificativas para se fazer presente dentro da escola para além dos conteúdos e contextos indicados no campo da Educação Física. Como venho dissertando no decorrer do trabalho, não basta somente querer ser professor, tem que também sentir-se como tal. Tardif (2002) traz um pensamento a respeito,

[...] Os saberes profissionais dos professores parecem ser, portanto, plurais, compósitos, heterogêneos, pois trazem á tona, no próprio exercício do trabalho, conhecimentos e manifestações do saber-fazer e do saber-ser bastante diversificados e provenientes de fontes variadas, as quais podemos supor também que sejam de natureza diferente. (TARDIF, 2002, p. 61).

Com isso é possível refletir acerca do ser professor, sentir-se professor e despertar-se para a docência. Uma reflexão importante, que faço aqui é que, ser professor é ser provedor dos mais variados tipos de saberes. Nos torna capaz de aprimorarmos o nosso conhecimento ao longo do exercício da profissão. Ser professor é também ser um eterno aprendiz. O acréscimo da Dança juntamente com a palavra professor possui um grande peso, pois, novamente com as palavras de Strazzacappa (2012), ressalto que:

Toda dança promove transformação, logo, toda dança é educação. [...] A dança em si já é educativa, expressiva e criativa, dispensando adjetivos. Se não é constituída desses três fatores, então simplesmente não é dança; (STRAZZACAPPA, 2012, p. 44).

Percebemos que para ser um professor de dança, vamos além do conhecimento corporal, das coreografias. Ensinar a dança como arte dentro da escola nos possibilita como Morandi (2006) nos aponta desenvolver

[...] A construção do conhecimento em dança envolveria muito mais do que a simples reprodução de movimentos predeterminados, em que se valorizam a exatidão e a perfeição dos gestos; ela envolveria uma apropriação reflexiva, consciente e transformadora do movimento. (MORANDI, 2006, p. 74)

Sendo assim, meu desejo em torno do despertar pela docência em dança se faz presente, tendo em vistas que, ser professor nunca foi uma tarefa fácil, e por vezes uma profissão desvalorizada por parte dos nossos governos. Ser professor de dança, ao longo da história pode se perceber que também não é fácil, mas quem disse que tudo que é bom é fácil?

# Panorama histórico do PIBID

Ao iniciar as buscas a cerca do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID), uma das maiores fontes de informação encontrada foi o site da CAPES[[5]](#footnote-5). Neste site é possível encontrar desde documentos importantes para a história do programa até um panorama de seu estado atual. Neste subtítulo utilizo informações contidas no site da CAPES e informações obtidas por meio de publicações, anais de eventos e trabalhos de diversas áreas que dissertam sobre o assunto de maneiras variadas. Um dos primeiros artigos encontrados denominado **PIBID: promoção e valorização da formação docente no âmbito da Política Nacional de Formação de Professores** (CANAN, 2012) a respeito apresenta a seguinte informação:

Podemos inserir a criação do PIBID, especialmente, no contexto das reformas educacionais iniciadas a partir de 1996, por ocasião da aprovação da Lei n. 9394, de 20 de dezembro de 1996, já que, desde então, vários debates foram acontecendo no Brasil, à medida que as proposições da lei iam sendo implementadas, no âmbito da educação brasileira. (CANAN, 2012, p. 25).

O PIBID foi criado no ano 2007 pelo ministro da Educação, na época Sr. Fernando Haddad, e financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Sua criação se deu com o intuito de fortalecer a formação de professores e possibilitar uma formação continuada, possibilitando assim uma inserção no ambiente escolar logo no primeiro ano de universidade e proporcionando aos docentes já formados um aprimoramento.

Quando criado o programa atendia somente cursos de licenciatura das Universidades Federais. Estas universidades estavam ligadas ao REUNI[[6]](#footnote-6). Após um período de tempo o PIBID passou a atender também as Universidades Estaduais, proporcionando assim resultados ainda mais positivos. O programa fornece bolsas para todos que possuem um cargo dentro do programa, os cargos são: Iniciação á docência (estudante da graduação), Professor supervisor, Coordenador de área e Coordenação institucional.

Podendo ainda contar com estudantes voluntários que não recebem a bolsa, porém atuam da mesma forma que os bolsistas. Dentre os objetivos do programa pode se destacar a inserção e aproximação com o ambiente escolar logo no primeiro semestre como citado anteriormente, pois este se torna um possível motivador e instigador do desejo a docência advinda pela participação no programa.

Os demais objetivos de acordo com o site da CAPES são:

Incentivar a formação de docentes em nível superior para a educação básica; Contribuir para a valorização do magistério; Elevar a qualidade da formação inicial de professores nos cursos de licenciatura, promovendo a integração entre educação superior e educação básica; Inserir os licenciandos no cotidiano de escolas da rede pública de educação, proporcionando-lhes oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem; Incentivar escolas públicas de educação básica, mobilizando seus professores como coformadores dos futuros docentes e tornando-as protagonistas nos processos de formação inicial para o magistério; e Contribuir para a articulação entre teoria e prática necessárias à formação dos docentes, elevando a qualidade das ações acadêmicas nos cursos de licenciatura. (CAPES, 2018)

Ainda de acordo com o site da CAPES

A participação das Instituições de Educação Superior (IES) no programa se da por meio de um projeto criado pela IES e apresentado a CAPES, caso o projeto seja aprovado, esta instituição passa a fazer parte do programa recebendo assim uma cota de bolsas para os alunos interessados. A seleção para a participação dos alunos no PIBID se da por meio de um edital, onde o aluno se inscreve e passa por uma entrevista, após a saída do resultado todos que passaram na entrevista tornam-se bolsistas do PIBID. Ao tornar-se bolsista o aluno é encaminhado a uma escola da rede publica onde dará inicio a sua aproximação com a realidade escolar. (CAPES, 2018).

Esta aproximação se dá de várias formas, o bolsista fica responsável por uma turma onde ministra suas aulas de acordo com o curso que está frequentando. A outra forma de aproximação entre o bolsista e a escola é por meio de oficinas planejadas e realizadas de maneira conjunta com bolsistas de outros cursos que atuam naquela escola. Proporcionando assim uma experiência ainda mais direta com o ambiente escolar. Fazendo com que seja possível um trabalho de troca entre os estudantes, pois os mesmos aprendem e compreendem o trabalho de um professor e como trabalhar de forma conjunta com outras áreas.

# O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência UFPel- Subprojeto Dança

O PIBID chegou a UFPel no ano de 2007 por meio do edital Capes/PIBID/FNDE 2007, este abrangeu somente algumas licenciaturas sendo elas

as licenciaturas da Área de Ciências (Química, Física e Ciências Biológicas) e de Matemática (PIBID I). Já a partir do Edital 02/2009, integraram-se os cursos de História, Ciências Sociais, Filosofia, Pedagogia, Letras e Teatro (PIBID II - Humanidades). (Brandão, et al, 2014, p.7)

A inserção do Curso de Dança-Licenciatura da UFPel dentro do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência se deu por meio do edital nº 001/2011/CAPES, essa inserção proporcionou a inserção da área da dança ainda mais presente dentro da escola, tornando a parte deste ambiente, com contextualização e conteúdos próprios. Com esta inserção, alguns licenciandos em dança tiveram a oportunidade de vivenciar o contato com a escola antes da disciplina de estágio obrigatório, pois para adentrar no PIBID o aluno da graduação pode estar no primeiro semestre. O que trouxe para estes uma experiência em ministrar uma aula e proporcionados uma base para as aulas obrigatórias, que ocorrem somente a partir do quinto semestre da graduação.

A atuação do PIBID nas escolas torna-se um verdadeiro laboratório de práticas pedagógicas em Dança. No que tange à participação dos licenciandos o programa permite a familiarização e o uso contínuo de ferramentas e estratégias utilizadas para captar, avaliar, apreender, produzir e fazer uso de novas metodologias de ensino. (Contreiras e Curvelo, 2012, p.7).

A relação entre dança e escola esta em desenvolvimento. Dificilmente a dança é vista pelos outros professores como uma área de conhecimento que possui conteúdos e metodologias próprias, pois a mesma é normalmente vista como recreação ou conteúdo da educação física. Por isto a grande importância desta ponte universidade/escola/Dança criada pelo PIBID. Para as turmas que tem a oportunidade de receber as aulas do eixo disciplinar dadas pelos bolsistas do programa, tem sua rotina no ambiente escolar modificada.

Este projeto disciplinar de trata se de aulas planejadas pelos bolsistas, anterior ao contado com a turma. Onde por meio de planos de aula e um projeto de ensino, esse aluno ministrada aulas pontuais, seguindo uma sequencia logica de objetivos e conteúdos. Estas aulas podem ser tanto de maneira individual ou em duplas, por vezes acompanhada pela professora responsável pela turma escolhida (ou oferecida pela coordenação da escola) passa a ter aulas de dança (ou outra disciplina de acordo com o curso do licenciando) uma vez por semana.

Podendo movimentar-se para além do que lhe é permitido durante as aulas tradicionais, mostrando como o PIBID também é importante para os alunos das escolas onde ele é inserido.

Um dos objetivos que norteiam o programa das aulas de Dança é construir junto com os alunos, a partir de suas necessidades e do contexto que se apresenta uma prática em sala de aula que possibilite a eles outra vivência corpo – espaço além daquela já experimentada em uma sala de aula tradicional. Através dos movimentos da dança os educandos passam a refletir sobre a história de seus corpos e as relações que estabelecem com o ambiente interno e externo à escola em seu cotidiano. (Contreiras e Curvelo, 2012, p.7).

Já o projeto interdisciplinar torna-se o diferencial dentro da UFPel, pois o mesmo proporciona ações conjuntas com outros cursos, instigando e possibilitando uma troca de saberes. Os alunos passam a observar as demandas da escola e assim criar projetos de intervenções de forma unificada, proporcionando a cada área o seu espaço dentro da ação. Nosso interdisciplinar não foi exatamente como estava no papel, porem ao menos para mim, enriqueceu meu modo de ver e defender a Dança dentro do ambiente escolar. Trazendo uma luta a cada intervenção para mostrar que a nossa área de atuação é muito mais que codificação de passos e estar em um palco.

O PIBID possibilita a inserção da dança na escola, pode se dizer que o programa ao longo dos anos tornou se um grande facilitador. Dentro da escola por meio do PIBID a dança demarca um espaço só dela, seja por meio de atividades interdisciplinares ou disciplinares. Fazendo assim com que outras áreas e a própria escola tenha um maior conhecimento e outro olhar para a dança.

# Metodologia

Tendo em vista a problemática, esta pesquisa teve, predominantemente, carácter qualitativo (MALHOTRA et al., 2005, GIL, 2008) e exploratória (GIL, 2008). Segundo MALHOTRA et al. (2005) pesquisas qualitativas são aquelas que possuem como objetivo a compreensão qualitativa do problema. O trabalho estuda um número pequeno de casos. A coleta dos dados não é estruturada e sua análise não é estatística. Ainda sobre pesquisa qualitativa MINAYO (2003) a apresenta da seguinte forma

Ela se preocupa, [...], com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, com o universo de significados, motivos, aspirações, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2003, p.21,22).

Sendo assim, uma vez que esta pesquisa buscou compreender o impacto de forma mais aprofundada do PIBID nas escolhas profissionais e suas influências direta na vida dos egressos do curso de Dança- Licenciatura foi possivel desenvolver reflexões de cunho qualitativo acerca do tema elencado para tal monografia.

Sobre pesquisa exploratória GIL (2008) destaca que este tipo de pesquisa tem como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. De todos os tipos de pesquisa, estas são as que apresentam menor rigidez no planejamento. Habitualmente envolvem levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso. Procedimentos de amostragem e técnicas quantitativas de coleta de dados não são costumeiramente aplicados nestas pesquisas.

Neste sentido, esta pesquisa mostra este caráter ao apontar o PIBID Dança UFPel como um despertador, motivador para as desisões dos egressos que dele participaram. Mesmo aplicando questionários e agrupando alguns dados quantitativos, a exemplo da quantidade de ex-bolsistas PIBID já egressos do Curso de Dança da UFPel, como esclarecemos mais adiante, o foco do estudo foi nas informações qualitativas que o instrumento adiantou e que permitiu estruturar um roteiro para as entrevistas. Ao mesmo tempo, documentos tais como o site da CAPES, folhas de pagamento do programa, lista de egressos do curso de dança e informações bibliográficas foram acessadas para que uma compreenção mais aprofundada sobre o PIBID fosse construída.

Seguindo o que já indicamos na Introdução, o contexto da pesquisa envolveu o PIBID Dança da UFPel. Neste sentido foi preciso acessar o universo de alunos que, durante toda a existência do programa na instituição, foram bolsistas. Este primeiro levantamento se deu por meio de documentos disponíveis no site da CAPES[[7]](#footnote-7) e no site da UFPel[[8]](#footnote-8) que, unidos, permitiram identificar quem foram os alunos envolvidos no programa. Durante a pesquisa identificamos um grande número de alunos, diante de um universo muito grande de potenciais sujeitos, optamos por identificar aqueles já egressos do Curso de Dança-Licenciatura. Por meio destas fontes, foi possivel alcançar o numero de dezoito (18) egressos ex-bolsistas do programa. Com o objetivo de construir um perfil mais detalhado destes egressos e, com isso, identificar como tais alunos encontrava-se, em que contexto acessível para figurarem sujeitos da pesquisa, foi aplicado um questionário objetivo/dissertativo criando por meio da plataforma *Google Forms*, a fim de recolher informações preliminares.

De acordo com a literatura, o questionário é um instrumento de coleta que segundo GIL (1999, p.128), pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”. Ainda sobre questionário o mesmo autor afirma que, é um instrumento de coleta de dados constituído por uma série ordenada de perguntas que devem ser respondidas por escrito pelo informante, sem a presença do pesquisador. A linguagem utilizada no questionário deve ser simples e direta, para que quem vá responder compreenda com clareza o que está sendo perguntado.

A escolha do questionário como instrumento preliminar de coleta de dados se deu, por tratar-se de um caminho que possibilitou obter respostas diretas a cerca do tema da pesquisa, tornando assim um procedimento ágil para a coleta de informações preliminares e o início do processo de seleção dos sujeitos, Optamos por um instrumento do tipo objetivo, com questões que perguntaram sobre: genêro, idade, local atual de moradia, tempo de participação no PIBID, ano de ingresso e formatura na UFPel, carreira proficional e influências do programa em suas escolhas pós PIBID, conforme pode ser observado no modelo apresentado no Apêndice A

Após a elaboração e estruturação do questionário, o mesmo foi encaminhado via e-mail para a Profª Flávia Marchi Nascimento[[9]](#footnote-9), para que passasse por um processo próximo ao de validação de instrumentos. Vale ressaltar que, para alem da validação a professora também contribuiu com sugestões pertinentes para o aperfeiçoamento do mesmo. Com o questionário validado, iniciou o contato com os 18 egressos inicialmente selecionados via site da CAPES e listas de egressos do Curso de Dança – Licenciatura, como mencionado anteriormente. Assim o *link* do questionário online foi enviado por duas fontes, sendo a primeira via *e-mail* e a segunda via *chat* do *facebook* de todos esses egressos. Esta última forma de contato foi a com maior adesão. Destes 18 egressos, 17 retornaram com intervalos de uma a duas semanas após o primeiro contato, permitindo, assim, o incio da etapa de seleção para as entrevitas presenciais. Os dados coletados por este questionário preliminar apontaram o seguinte perfil dos bolsistas do PIBID Dança da UFPel, hoje já egressos do Curso: A faixa etária dos respondentes varia entre 23 e 37 anos; 3 declararam-se do sexo masculino e 14 do sexo feminino; 10 trabalham atualmente; dos 17 entrevistados 3 homens e 7 mulheres atuam na docência. Dentre os 17, 6 residem na cidade de Pelotas, RS. Após análise e uma primeira tabulação das respostas obtidas no questionário (modelo do questionário ver Apêndice E), a terceira etapa da pesquisa iniciou-se. Nesta altura, buscou-se selecionar, dentre os respondentes, aqueles que poderiam ser abordados por meio de uma entrevista presencial e indivudual.

Como fator determinate para a seleção dos entrevistados usou-se o local de residência, sendo esta a cidade de Pelotas, RS, pois devido o curto prazo para a finalização deste trabalho o deslocamento para outras cidades tornou-se inviável. Dos 17 sujeitos, 6 estavam aptos para entrevista; sendo que somente 3 foram entrevistados, pois mesmo residindo na cidade de Pelotas o retorno ao convite de entrevista, não foi respondido em tempo habil, impossibilitando entrevistar os 3 sujeitos restantes. Como já citado no capitulo anterior, os sujeitos de pesquisa, somaram-se 18 egressos do curso de dança que participaram do PIBID. Destes 18, 17 egressos responderam ao primeiro contato. Contato este que se deu por meio de um questionário de triagem criado e enviado via G*oogle* Forms. A partir das respostas adquiridas chegamos ao número de 6 sujeitos, ressaltando que por conta do tempo para o desenvolvimento da pesquisa o critério de triagem após o questionário tornou-se o local de moradia dos sujeitos.

Após o segundo contato o número reduziu para 3. Estes três sujeitos passaram por uma entrevista presencial, possibilitando assim o desenvolvimento e analise de dados desta monografia. A entrevista foi eleita para esta etapa uma vez que se trata de instrumento onde

[...] o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação. (GIL, 2008, p. 109).

Após preparar um primeiro roteiro para as entrevistas, novamente submetemos tal roteiro à validação. O mesmo processo citado anteriormente em relação ao questionário foi feito. Por meio de um convite formal, a Profª Flavia Marchi Nascimento contribuiu mais uma vez com suas sugentões e ajustes para que a entrevista ocorrece de forma coerente com a proposta.

As entrevisas presenciais foram filmadas e gravadas, possibilitando uma transcrição fiel e ágil. Após as trasncrições e análises de dados foram elaboradas as reflexões que oportunizaram a conversa entre as respostas adquiridas e o referencial teórico que discute sobre a formação, o desejo de ser professor de dança e a história e experiências do PIBID. As entrevistas tiveramduração entre 25min e 30min sendo que, por vezes, novas perguntas surgiram derivadas de respostas dadas às questões presentes no roteiro inicial (Apêndice H). As estrevistas, num primeiro momento, foram aparentemente rápidas, porém ricas em conteúdo, proporcionando um material rico em experiências docentes e sentimentos advindos destas vivências.

# Analise de dados

No presente capítulo apresento a análise dos dados obtidos durante a construção desta monografia. Para dar início, trago o objetivo da análise de dados para a literatura. De acordo com Gil (1999),

A análise tem como objetivo organizar e sumariar os dados de tal forma que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema proposto para investigação. [...] (GIL, 1999, p. 168).

A fim de buscar responder o problema de pesquisa, que tratou de questionar como a experiência dentro do PIBID Dança UFPel se relaciona com as escolhas profissionais dos bolsistas que nele atuaram, e que hoje são egressos do Curso de Dança-Licenciatura. Foram analisadas as respostas dos três sujeitos que, por meio de uma entrevista presencial, responderam oito questões a cerca de sua relação com o programa, assim como suas escolhas pós-participação, onde também dissertaram a cerca do ensino de Dança na rede formal e a ligação escola-universidade. Como ponto de partida para o inicio das análises, três questões foram elencadas (apêndice D). Partindo delas juntamente com as outras cinco questões que compõem o questionário (apêndice H) a análise encontra-se dividida em quatro subcapítulos onde por meio de reflexões e uma conversa com o referencial teórico os objetivos da pesquisa serão ou não alcançados e respondidos.

## Contemplando pontes

As primeiras questões analisadas (1 e 2) dissertam primeiramente a respeito do quanto à participação no programa, viabilizou aprendizagem e desenvolvimento na formação do egresso e suas percepções do PIBID como uma ponte de ligação entre a Dança e a escola. Por meio das respostas foi possível fazer pontos de reflexões a cerca do assunto. Segundo Soczek (2011):

[...] O PIBID, ao viabilizar um contato de maior abrangência temporal e reflexiva do graduando com a Escola, cria um espaço de interação que permite uma aproximação maior entre a Escola e a IES[[10]](#footnote-10). Ao incentivar a reflexão sobre a práxis pedagógica, orienta e propicia aos graduandos a prática da pesquisa em educação. Por isso, esse Programa constitui-se num interessante modelo de formação de professores, aumentando a sensibilidade para a demanda por uma educação de qualidade centrada nos estudantes, foco do processo educativo. (SOCZEK, 2011, p. 64)

Sendo assim ser inserido dentro do ambiente escolar possibilita um amadurecimento prévio, transformando a teoria aprendida dentro da universidade em prática a ser exercida dentro da escola. Os sujeitos responderam a primeira questão, trazendo uma reflexão sobre suas participações no programa. Apontando o PIBID como uma grande ponte entre a dança e a escola como cita sujeito 3 (apêndice C, p. 79):

[...] eu acho que o pibid é uma ponte muito importante nesse sentido, porque eu percebo que é insipiente ainda sabe? Em escola, principalmente essas que já receberam o pibid, a gente nota que existe uma relação muito mais próxima com área da dança. Que eles já não entendem a dança só como recreação eles conseguem identificar a importância da dança, e que a dança tem na escola para os alunos. (sujeito 3, 2018)

Ao discorrer a cerca do PIBID podemos abordar o programa sobre seu ano de criação (2007), onde o mesmo era tido como um formador de professores, tendo em vista os coordenadores de área e da escola. Ainda é um programa que auxilia na preparação de novos professores, Porém no âmbito da arte, no caso Dança ele torna-se uma ferramenta, onde é possível que a área possa se firmar e reafirmar seu espaço dentro do ambiente escolar.

Vale refletir que, como vimos no capítulo inicial (A Caminho da docência), a dança até hoje busca se inserir como área que possui conteúdos próprios dentro da escola. Podendo sim, ser ensinada com teoria e além de atividade extracurricular. Sendo assim é de suma importância ressaltar as pontes criadas por meio do PIBID entre a dança e a escola. O programa transforma o pibidiano e a escola em que ele esta inserido, refletindo a cerca do PIBID, percebo o privilegio em participar do mesmo. Assim como cita o sujeito 1 (apêndice A, p. 61):

[...] quando eu entrei no pibid, eu tinha  essa ideia,  vontade de poder experimentar, experiênciar a escola com ensino de dança. [...] e o pibid sim, me  deu essa  possibilidade de estar em sala de aula, trabalhando o conhecimento de dança com os alunos.  (sujeito 1, 2018).

 A rotina dentro da escola por meio do PIBID torna-se mais intensa e direta, por meio de reuniões de área, oficinas interdisciplinares e aulas disciplinares, o aluno passa a conviver ainda mais dentro desse ambiente, possibilitando a criação de novas estratégias para fazer com que a dança seja reconhecida. De acordo com Wiebusch e Ramos (2012)

A complexidade que é estar inserido no cotidiano escolar, apesar de ser muitas vezes difícil, é ao mesmo tempo imprescindível devido às relações existentes com o aprendizado do acadêmico e com os saberes construídos devido à participação no ambiente escolar a partir do convívio com os alunos, professores e até mesmo funcionários da escola (WIEBUSCH e RAMOS, 2012, p. 3)

Com isso, foi possível  perceber que neste primeiro momento os sujeitos concordam que sim, foram contemplados em sua formação durante sua participação no programa e reforçando o quanto o mesmo pode vir a ser uma ponte entre a  dança e a escola. Mostrando o quanto uma imersão e socialização entre a dança como arte e disciplina dentro da escola e possibilita, além de mais conhecimento da área no âmbito escolar, uma preparação para o futuro licenciado.

## Visibilidade/espaço: A dança dentro da escola

As questões em sequência (3 e 4) ressaltam um importante ponto do PIBID-UFPel, a sua interdisciplinaridade que, no decorrer deste subcapítulo, perceberemos o quanto é singular. Como citado e explicado no capítulo anterior, na UFPel o PIBID possui duas vertentes: O Disciplinar e o Interdisciplinar; Sendo a primeira onde em duplas ou de forma individual o bolsista ministrava as aulas específicas com base em um projeto estruturado e criado por ele e planos de aula.

O projeto disciplinar é desenvolvido em uma turma oferecida pela coordenação da escola ou escolhida pelo próprio pibidiano. Já a segunda trata-se de ações pontuais dentro da escola, como por exemplo, uma ação a respeito de qualquer data comemorativa:  Os pibidianos de todas as áreas que atuam dentro desta escola se reúnem semanalmente,  junto com o coordenador, para assim criar  um projeto  específico para esta ação pontual.

Quando os sujeitos foram questionados a respeito da interdisciplinaridade a resposta do sujeito 2 (apêndice B, p. 68) foi a seguinte:

[...] mas eu acho que nem um curso, ou poucos cursos de graduação tratam o corpo como a Dança trata. O corpo é… Ele está em todas né!  Mas aí também a gente tem que tem que saber que a nossa área é privilegiadíssima para tratar de interdisciplinaridade. Mas aí a gente tem que saber que, a nossa área é privilegiada  e também saber o que a gente pode dentro dela né. Tudo, todas as nossas possibilidades porque senão a gente chega lá e também não consegue ver conexão é muito interessante, a interdisciplinaridade depende muito de a gente conseguir... De a gente saber muito, a gente precisa conhecer muita nessa área (sujeito 2, 2018)

Aqui é possível refletir a cerca do lugar de fala do graduando em dança, até que ponto nosso aprendizado dentro da universidade, nos possibilita um lugar de fala maduro e capaz de defender a nossa área dentro do ambiente escolar? A interdisciplinaridade  como ressaltada e reforçada pelos sujeitos ao longo do trabalho, dentro da UFPel é diferenciada, mas novamente ate que ponto isto torna-se algo bom? Como aponta sujeito 3 (apêndice C, p. 78):

[...] Eu lembro direitinho sabe que era uma manhã assim: a gente ficava a manhã toda juntos e depois tinha as reuniões interdisciplinares também, que eu lembro na época que eu tava na escola Assis Brasil. A gente ia para lá e ficava um turno lá na escola, conversando, planejando ação com outras com outras áreas, que daí era parte interdisciplinar. (sujeito 3, 2018 )

No planejamento tudo ia muito bem, na escola onde atuei, também era possível visualizar uma homogeneidade no projeto teórico das oficinas, porem na prática, voltavam a ludicidade, passos codificados e brincadeiras como é possível ver o questionamento do sujeito 1 (apêndice A, p. 61) é possível ver outras percepções a respeito desta interdisciplinaridade,

[...] Então, na verdade eu acho que é o grande diferencial do projeto da UFPEL, a questão da interdisciplinaridade é uma experiência que, na escola que eu trabalho não é exatamente  de um modo interdisciplinar. Aconteceu uma multiplicidade, eles não conseguiam conversar entre si, o que é um evento de dança, muitas vezes a dança era atividade lúdica. [...]:   De que maneira... Porque que a dança sempre tinha que ser vista como um floreio né, então tinha um conteúdo da Matemática tinha o conteúdo da Biologia e a dança era a parte  que os alunos iam dançar  e a dança não é só ficar dançando... (sujeito 1, 2018).

E ainda que com base é possível ver o pensamento de sujeito 2 (apêndice B, 69) a respeito da interdisciplinaridade e o espaço da dança nesse projeto

E tem, tem espaço, porque eu não vou dizer assim, que eu conheço horrores de cursos de graduação, mas eu acho que nem um curso, ou poucos cursos de graduação tratam o corpo como a Dança trata. O corpo é… Ele está em todas né!  Mas aí também a gente tem que tem que saber que a nossa área é privilegiadíssima para tratar de interdisciplinaridade. Mas aí a gente tem que saber que, a nossa área é privilegiada  e também saber o que a gente pode dentro dela né. (sujeito 2, 2018).

 Sobre a interdisciplinaridade é possível perceber que as respostas Variam, a forma como a UFPel proporciona esta relação com as outras áreas dentro do PIBID, é apontada pelos sujeitos como o maior diferencial dentro do mesmo. Possibilitando pensar o quanto a dança enquanto área dentro da escola, novamente era vista como uma atividade lúdica, como cita o sujeito 1 (apêndice A, p 62).

[...] Na experiência que eu tive,  na escola que eu trabalhei não  acontecia exatamente de forma interdisciplinar, aconteceu uma multiplicinaridade  né. Na verdade elas não conseguiam conversar entre as áreas né, aconteciam de forma  isolada,  muitas vezes a dança era atividade lúdica, então essa era a crítica que eu fazia quando eu participava do projeto dentro da escola que eu participei que era a seguinte né:   De que maneira... Porque que a dança sempre tinha que ser vista como um floreio né, então tinha um conteúdo da Matemática tinha o conteúdo da Biologia e a dança era a parte  que os alunos iam dançar  e a dança não é só ficar dançando... (sujeito 1, 2018).

Quando eu participava do programa, deparei-me com este tipo de situação, porém, era complicado tentar modificar a forma em que nos da dança éramos vistos dentro daquela escola. Juntamente com minhas colegas, tentávamos reafirmar e reforçar o espaço da dança, nas atividades interdisciplinares propostas dentro das oficinas. Porém raramente era possível ver uma atividade de fato interdisciplinar acontecendo.

Na perspectiva escolar, a interdisciplinaridade não tem a pretensão de criar novas disciplinas ou saberes, mas de utilizar os conhecimentos de várias disciplinas para resolver um problema concreto ou compreender um fenômeno sob diferentes pontos de vista (PCN, 2002, p. 34-36).

Com isso buscávamos incessantemente, criar estratégias onde à dança, se mostrasse como área de conhecimento, capaz de participar e ter voz ativa, para além da “dancinha” e reprodução de coreografias e passos prontos, durante a elaboração das oficinas. As áreas por vezes se uniam de forma individual, fazendo com que cada uma “cuidasse” de sua parte. Isso fazia com que não tivessem uma forma particular de união homogênea e sim, só varias áreas juntas, fazendo a sua parte. Era assim, a pedagogia contando uma história, a educação física em um circuito, a dança trazendo algum gênero ou coreografia e a matemática por vezes tentando se inserir de forma a marcar sua presença durante as oficinas.

Vale ressaltar que esta foi a minha realidade dentro do programa mesmo assim em alguns momentos era sim possível identificar a interdisciplinaridade como, por exemplo, em uma oficina que foi proposta, as crianças montaram uma árvore genealógica. O grupo participou de forma homogênea, não teve dança, pedagogia, educação física, matemática, teve um grupo de pessoas que trabalhou o tema (família)  e criou uma árvore genealógica. Neste dia, foi possível vislumbrar um momento de interdisciplinaridade como nos cita POMBO, 1994:

[...] por interdisciplinaridade, deverá entender-se qualquer forma de combinação entre duas ou mais disciplinas com vista à compreensão de um objeto a partir da confluência de pontos de vista diferentes e tendo como objeto final a elaboração de uma síntese relativamente ao objeto comum. A interdisciplinaridade implica, então, alguma reorganização do processo de ensino/aprendizagem e supõe um trabalho continuado de cooperação dos professores envolvidos (Pombo, 1994, p. 13).

Já quando questionados a respeito de sua inserção no programa as respostas apontam, pontos positivos e respeito do mesmo. Como nos trás o sujeito 3 (apêndice C, p. 89).

 O que me motivou foi concomitante com o início do meu processo de estágio sem curso, então acho que é um momento que a gente fica mais apreensivo né? De lidar com essas descobertas como novidades que na escola né? E essa foi uma das razões que eu tive que querer participar da seleção na hora, para buscar a bolsa do pibid, principalmente por causa de uma experiência assim, que eu queria vivenciar isso mais um fundo para me sentir mais segura para entender um pouquinho mais aquele contexto. (sujeito 3, 2018)

 O que  podemos ver é que todos os participantes do programa  deixam clara a importância imensuravelmente valiosa,  de participar nenhum programa como  o pibid.  Ressaltando sempre o fato de ele propiciar uma experiência sobre a docência, proporcionando esse contato, real com a escola, assim, temos a resposta do sujeito 2 (apêndice B, p. 70):

[...] E eu quis porque era na escola, então eu entrei no pibid por todo este encantamento que eu tive com a dança  e eu queria que as pessoas sentissem isso. Sei que parece bobo isso, mas é isso não tem outra explicação além disso. (sujeito 2, 2018)

Já o sujeito 1 (apêndice A, p. 62) nos presenteia com uma reflexão, a cerca de suas escolhas ao entrar no PIBID Dança, já trazendo um pouco de sua experiência de sala de aula no pibid matemática:

[...] Então na dança  a minha motivação foi ter a experiência na escola né porque eu tinha experiências  pontuais né, mas o pibid me colocou pelo menos uma vez na  semana na escola, fora as atividades que eu desenvolvia então... Participar do pibid para mim seria muito importante, esse foi o meu esforço em participar do pibid foi nesse sentido. a minha vontade de poder viver a escola um pouco mais durante a minha formação inicial. (sujeito 1, 2018)

Torna-se interessante perceber o quanto as motivações para a participação no programa ao mesmo tempo em que se difere se igualam na perspectiva da busca por conhecimento e um maior contado com a realidade escolar.

## Percepções sobre experiências no PIBID

Seguindo nas questões (5 e 6) trazemos apontamentos sobre uma perspectiva geral de PIBID Dança. Nestas questões os sujeitos refletiram acerca dos pontos fortes e frágeis do programa, de si enquanto bolsista e sobre como o contato com a escola por meio do programa interferiu em suas escolhas profissionais. Estar dentro do ambiente escolar não é uma tarefa fácil, o PIBID exige o cumprimento de horários, você passa a fazer parte daquela realidade, como nos aponta Almeida, 1994:

[...] o cotidiano da sala de aula caracteriza-se como fonte inesgotável de conhecimentos, e desta fonte que deverão ser retirados os elementos teóricos que permitam compreender e direcionar uma ação consciente que procure superar as deficiências encontradas e recuperar o real significado do papel do professor, no sentido de apropriar-se de um “fazer” e de um “saber fazer” adequados ao momento que vive a escola atual (ALMEIDA, 1994, p. 39).

Vivenciar a rotina dentro da escola, ser responsável por uma turma, pesquisar, elaborar e preparar planos de aula. Estar preparado e disposto a mergulhar de cabeça na realidade escolar. No decorrer das respostas foi possível identificar problemas parecidos entre os egressos. A dificuldade de mostrar que a dança estava lá como área de conhecimento e as possibilidades de proporcionar para o ambiente escolar um maior conhecimento sobre a dança. Na fala do sujeito 1 (apêndice A, p. 62) é possível perceber o quanto estar na escola era motivador para a legitimação da Dança.

Entrei no curso de dança  com propósito né, eu era professor no espaço não formal, eu queria me tornar um melhor professor né, até então eu era um professor que trabalhava com dança de salão nas academias e tinha formação em matemática e mestrado em educação. (sujeito 1, 2018)

Estar dentro do programa proporcionava uma nova oportunidade para crescer e se aprimorar quanto professor assim com no depoimento do sujeito 3 (apêndice K, p. 94)

Antes de ingressar no PIBID acreditava que minha escolha profissional era a docência por já ter outra formação acadêmica e estar finalizando o mestrado na época. No entanto, foi em 2014, justamente na época da experiência do PIBID, que percebi que gostaria de atuar como docente especificamente na área de dança. Por ter cursado o currículo antigo do curso de Dança, foi com o PIBID que tive minha primeira experiência na escola, em que pude perceber a diversidade do contexto escolar e os desafios de trabalhar com a dança nesse espaço. (sujeito 3, 2018)

Frequentar a escola durante a permanência no PIBID possibilitava, conhecer a rotina, as pessoas envolvidas dentro daquele contexto, perceber o porquê das coisas acontecerem como acontecia (sujeito 2, 2018). Ao chegar à escola duas coisas podem acontecer: A primeira o pibidiano pode sim se assustar e decidir que não quer isto para a sua vida. Se esta possibilidade ocorreu eu desconheço, mas acredito o quanto deve ter sido gratificante poder perceber se e decidir a cerca do próprio futuro. A segunda é chegar à escola e se identificar totalmente com aquele ambiente e querer fazer parte do mesmo. Nas entrevistas percebi muito disso nos egressos, alguns já chegaram com o desejo de serem professores outros tiveram o mesmo reforçado durante esta experiência.

Com isso trago o depoimento do sujeito 2 (apêndice B, p. 69)

Quando eu entrei na dança, queria trabalhar com escola realmente assim. [...] Eu vi aquela dança-teatro e pensei, eu quero fazer isso, [...] foi um universo totalmente novo pra mim, coisas que eu nunca tinha visto em uma academia, pensar, se pensar, pensar o outro, pensar a relação com o outro, pensar a relação com o ambiente. Foi uma coisa muito forte pra mim [...]. (sujeito 2, 2018).

O PIBID, ele proporciona imersões em si mesmo, desafios e novos horizontes. O programa assim como pontos frágeis, também possui pontos fortes. O fato de fazer com que seja possível se pensar e pensar o meio em que se está inserido mostra um pouco desses pontos. Ás vezes as vantagens e retornos que o programa nos traz, proporciona um amadurecimento tão relevante que, com o passar dos anos e nos faz refletir. Essa reflexão se dá a cerca de algumas situações que conseguimos tirar delas as mais variadas lições e assim transformar até aquilo que na época não foi tão bom em algo positivo, como nos ressalta o sujeito 3 (apêndice C, p. 80):

[...] Assim, aí falando dos pontos frágeis sobre o programa especificamente, no momento eu não consigo pensar em nenhum negativo tá? [...] Eu vejo como muito positivo porque mesmo aquilo que talvez não tenha sido tão bom, hoje na minha memória já tenha se transformado em boa, por acho que eu consegui refletir a partir daquilo e então se tornou positivo né? (sujeito 3, 2018)

Porém com o exercício da conversa e perguntas reflexivas, pontos frágeis e problematizações foram surgindo e possibilitando ver o PIBID com um olhar mais critico também. Quando questionados sobre as experiências pontuais dentro do programa e os pontos frágeis e fortes do mesmo. Muitos trouxeram a insatisfação com a estrutura do programa. Como cita o sujeito 1 (apêndice A, p. 63)

O ponto fraco do programa  em si,  eu acredito que por ser um projeto né, que tem como objetivo é... Tem como um dos objetivos a formação inicial, ou seja, potencializar a formação do graduando da licenciatura eu achava que poderia ter mais momentos do projeto em que os alunos pudessem dialogar sobre suas experiências né. (sujeito 1, 2018)

Recordo de que fazíamos encontros semanais dentro da universidade, e neles trazíamos nossas angustias, nossos relatos de desenvolvimento pessoal e em relação nossa integração e participação dentro dos projetos na escola, fazíamos muito esse momento, assim como nos reuníamos para dialogar a cerca de teóricos da dança e educação. Proporcionando-nos bases teóricas para o desenvolvimento de nossas ações na escola. Acredito que essa mudança de estrutura se deu ao longo do tempo, pois assim como o sujeito 1 nos trás essa insatisfação o sujeito 2 (apêndice B, p. 70) também aponta algo parecido:

[...] Sempre senti falta, do disciplinar mais estruturado, melhor estruturado, com a coisa funcionando para além de preposições pontuais de uma oficina no dia da Dança, uma oficina aqui ou 3, 4 encontros. Isso é uma coisa que a mais a longo prazo. Mas claro, eu não acho que isso seja deficiência só da coordenação, acho que é dos bolsistas, logo minha também né, de não pensar isso. Que tu tá ali, tu pode propor, tu tem a escola, tu em os supervisores, de certa forma tu tem o espaço, alguma turma os supervisores vão te dar então os coordenadores estão ali para te instruir, tem isso né, acho que também parte um pouco da nossa autônima. (sujeito 2, 2018)

Cabe aqui um desabafo, eram perceptíveis as tentativas dos coordenadores de puxar pelos bolsistas, dando-nos leituras e tarefas variadas, a fim de nos fazer refletir a cerca do ensino de dança na escola. Porem, acredito que por muitas das vezes assim como o sujeito 2 citou, faltava empenho de nós bolsistas, pois de que adiantava o coordenador abrir um grande leque de atividades e possibilidades se nos não nos dispuséssemos executa-las? Como Libanio, 2001 nos fala,

Formar-se é tomar em suas mãos seu próprio desenvolvimento e destino num duplo movimento de ampliação de suas qualidades humanas, profissionais, religiosas e de compromisso com a transformação da sociedade em que se vive [...] é participar do processo construtivo da sociedade [...] na obra conjunta, coletiva, de construir um convívio humano e saudável (LIBANIO, 2001, p. 13-14).

O processo de tornar-se professor cabe somente a nós graduandos em licenciatura, a instituição, nos oferecem caminhos, profissionais e experiências, para tornar esta caminhada estruturada e seguro. Dando-nos bases teóricas, práticas e vivencias únicas. Mas somente a nos cabe fazer tudo isto ter sentindo. Estar em uma graduação dança é mergulhar de cabeça nesse mundo tumultuado e ainda com os mais diversos obstáculos. Porém, se nada fazemos, passamos por esta fase sem nenhum desafio. Obviamente isto é pessoal de cada um, mas questiono aqui, se temos tanto ao nosso dispor durante esses 4 anos (ou mais) de graduação, por que não usufrui lós de maneira a nos engrandecer e enriquecer quanto futuros profissionais?

## Ser Professor(a)

Chegamos às últimas questões, aqui questiono de forma mais profunda a relação do egresso com sua participação no PIBID. Trazendo uma reflexão um pouco mais pessoal. Com esta questão é possível visualizar novas perspectivas para o programa e nos avaliarmos enquanto egresso do curso de dança. Vale reforçar que por se tratar de uma entrevista semiestruturada, para alguns a resposta da ultima questão desencadeou mais uma questão (anexo H).

Estamos em constante aprendizado, seja durante nossa formação superior, ou posterior a ela. Todo professor trás em si um pouco de todos os professores que já teve em sua caminhada dentro da sala de aula. Podemos aqui imaginar que marcas deixamos em nossos primeiros alunos, aqueles que nos deparamos quando iniciamos nossa jornada dentro do PIBID. Podemos também refletir quais marcas estes alunos nos deixaram, sendo que para alguns de nós estávamos pela primeira vez de fato dando uma aula. Como Nóvoa, 1995, nos aponta.

[...] estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projetos, com vista à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional (...). A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de refletividade critica sobre as críticas e da construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir a pessoa e dar um estatuto ao saber da experiência (Nóvoa, 1995, p. 25).

Ser professor nos torna senhores do conhecimento, nos proporciona ensinar e disseminar nossos aprendizados acadêmicos e pessoais. Estar em frente a uma turma, seja sozinho ou em pares (como ocorreu por um tempo no PIBID), faz com que percebamos o nosso crescimento como ser humano e como profissional. Sabermos utilizar das ferramentas que nos é dada ao longo da graduação assim como Tardif, 1999, sugere:

[...] se admitirmos que o movimento de profissionalização é, em grande parte, uma tentativa de renovar os fundamentos epistemológicos do ofício de professor, então devemos examinar seriamente a natureza desses fundamentos e extrair daí elementos que nos permitam entrar num processo reflexivo e crítico sobre nossas próprias práticas como formadores e como pesquisadores (Tardif, 1999, p. 4)

Até que ponto, estamos prontos para encarar a nossa realidade como futuros professores, ou melhor, em qual momento percebemos que somos professores de fato, no caso dos egressos? São questionamentos, complexos de encontrar respostas, tendo em vista que o ser e sentir-se professor torna-se relativo à percepção pessoal de cada um. Alguns podem concluir a graduação sentindo-se um grande professor outros após algumas experiências dentro da graduação (seja estágio, PIBID, entre outros) sentir-se já como um professor. Essa percepção vem no decorrer de nossa caminhada, assim é possível ver no depoimento de sujeito 1 (apêndice A, p. 68)

[...] Eu  acreditava que eu podia ir até determinado lugar e o PIBID foi... Me pegou pela mão  e disse: tu pode mais do que isso né tu pode entrar numa pós-graduação. Então acho que foi por isso que eu tive um contato tão forte com PIBID desde início. Que foi o que me abriu as portas para pesquisa,  me abriu outras possibilidades que até então, sendo apenas um número na primeira graduação eu não tinha ideia né. Então eu acho que essa contribuição não só para a formação do professor, mas na formação do pesquisador também, acho que essa foi a maior contribuição para minha formação e carreira docente. (sujeito 1, 2018)

É possível observar um amadurecimento a cerca das percepções sobre o PIBID quanto, programa de formação de professores. Perceber o quanto o ser professor implica no cotidiano e nas atitudes tomadas ao longo desse caminho, como Tardif, 2002 nos aponta

[...] a prática pode ser vista como um processo de aprendizagem por intermédio do qual os professores retraduzem sua formação e a adaptam à profissão [...]. A experiência provoca, assim, um efeito de retomada crítica (retroalimentação) dos saberes adquiridos antes ou fora da prática profissional (TARDIF, 2002, p. 53).

Será mesmo que esses 4 anos (ou mais) de quem foi pibidiano foi de fato diferente dos demais alunos da graduação que não participaram do programa? Nossos saberes são constantemente transformados e influenciados com as experiências e vivencias que trazemos ao longo da vida. Estar em uma universidade implica em socializar nossos conhecimentos e adquirir novos, sem às vezes nem perceber que estamos aprendendo e reproduzindo algo novo. Somos seres em mutação, nos adaptamos as probabilidades que nos são oferecidas. Podemos aqui fazer um paralelo bem prático: Chegamos a uma escola para dar aula de dança e não temos um espaço adequado, um material adequando nem meios básicos para o desenvolvimento desta aula, como procedemos? Nós nos adaptamos, utilizamos os materiais que temos ao alcance e criamos novas possibilidades de ensino da dança utilizando o espaço disponível. Adaptação, esta é a palavra que define o professor de dança atualmente.

Podemos refletir com Gauthier et al, 2006 que,

Em suma, [o professor] possui um conjunto de saberes a respeito da escola que é desconhecido pela maioria dos cidadãos comuns e pelos membros das outras profissões. É um saber profissional específico, que não está diretamente relacionado com a ação pedagógica, mas serve de pano de fundo tanto para ele quanto para os outros membros de sua categoria socializados da mesma maneira. Esse tipo de saber permeia a maneira de o professor existir profissionalmente (2006, p.31)

Nossa capacidade de transformação é extremamente rica, possuímos um dos maiores trunfos, o corpo e como lidamos com ele, pensamos sobre ele, e fazemos com que nossos alunos também enxergue o corpo como um método de criação da arte. Quando questionados a respeito de mudanças em suas trajetórias dentro do programa, todos apontam que teriam entrado mais cedo no programa podendo assim vivenciar ainda mais essa inserção dentro da escola.

Ainda nisso podemos trazer os depoimentos a respeito da relação dos egressos com o programa e suas percepções pós-participação:

[...] mas o PIBID me fez vislumbrar outras oportunidades, me fez ter vontade de entrar em uma pós-graduação, me deu um outro olhar para minha prática enquanto professor então o PIBID me abriu as portas para que eu pudesse... Para que eu descobrisse que, eu podia ir mais longe né. (sujeito 1, 2018)

Sobre a inserção na escola

[...] Então... Mas acho que é isso a dimensão da escola a gente só tem vivendo nela e o PIBID é o mais próximo que um curso de graduação pode, podia oferecer. (sujeito 2, 2018)

Sobre a escolha de ser professor

[...] Porque a gente sabe que isso envolve a escolha de ser professor o desafio o que é. Eu acho que nesse sentido isso me ajudou bastante assim né, porque eu vejo que é isso que eu quero fazer. Independente de ser no ensino superior ou na escola porque eu também me vejo assim sabe? Por que embora neste momento eu esteja aqui, daqui a pouco eu não vou mais estar, enquanto professor atuando neste outro espaço da Educação Básica e aí eu digo que sim, o PIBID refletiu nessas coisas né. (Sujeito 3,2018)

Ser professora foi à certeza mais profunda que o PIBID me proporcionou, junto desta certeza veio uma imagem de que a escola pode sim, ser um lugar mais leve e acolhedor quando se ter a arte dentro dela. Em meio a depoimentos e boas lembranças. Consigo visualizar o momento em que em minha caminhada na universidade o PIBID me ensinou a pensar, agir e entender-me como professora.

Para finalizar a pesquisa solicitei que os sujeitos resumissem o PIBID em uma palavra e aqui as deixo:

Oportunidade, experiência e troca...

E para mim... Amor

# Considerações Finais

Partindo de um questionamento pessoal a cerca das questões relacionadas às influencias do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência na vida dos egressos do Curso de Dança Licenciatura da UFPel, elaborei os seguintes objetivos específicos registrar as características do Programa durante o período de atuação dos egressos; Discorrer a respeito das percepções dos egressos sobre suas experiências enquanto bolsistas; E refletir sobre as consequências posteriores a participação no PIBID e a inserção da Dança dentro da escola. Sendo assim o objetivo geral do trabalho tornou se questionar como a experiência dentro do PIBID Dança UFPel, se relaciona com as práticas profissionais dos bolsistas que nele atuaram, e que hoje são egressos do Curso de Dança-Licenciatura?

Para responder os objetivos e o questionamento foi feita uma busca acerca de dados a respeito do Programa Institucional de Bolsas Iniciação a Docência do Curso de Dança Licenciatura, UFPel, o caminho traçado para desenvolvimento desta pesquisa se deu por meio de:  Primeiramente um questionário a fim de selecionar os prováveis sujeitos e após uma entrevista presencial. Fazendo uma interligação entre o referencial teórico apontado como base para o desenvolvimento desta monografia, juntamente com um breve histórico do programa, um panorama da dança na escola e o ser professor.

Ao longo do desenvolvimento da monografia, foi possível, por meio das respostas obtidas dos sujeitos entrevistados, perceber o quanto o PIBID possibilita esse despertar para a docência. As questões foram respondidas com sentimento e um ar de saudade, foi possível também, encontrar pontos em comum entre minhas experiências no programa e a experiência dos sujeitos. Analisando as duas questões iniciais, foi possível perceber que o PIBID, foi sim um grande influenciador e motivador, para os egressos entrevistados.

As respostas apontam suas satisfações e resultados positivos a cerca da contribuição do programa em suas carreiras profissionais. Assim também foi possível confirmar o questionamento a respeito de o programa ser uma ponte entre a escola e a dança. Os 3 sujeitos, trouxeram relatos ricos, apontando o quanto o fato de o PIBID estar dentro da escola proporcionava uma maior visibilidade para a dança. Porém, para que esta visibilidade ocorresse era necessário o pibidiano, se portasse o tempo todo disposto a defender a área perante as outras dentro da escola e mostrando que estava apropriado do conhecimento teórico da dança, para então assim, conseguir debater e firmar o lugar da mesma dentro da escola.

Já nas questões seguintes, ficou claro que, ao mesmo tempo em que a interdisciplinaridade no PIBID Dança-UFPEL é elogiada e reconhecida como algo único, os pibidianos por vezes não conseguiam perceber esta atividade dentro da escola. A dança ainda era vista como atividade lúdica ou funcionava somente na teoria. Em contrapartida, as reuniões disciplinares eram condizentes com a ideia de aprimorar e ampliar o conhecimento dos bolsistas, proporcionando leituras e estudos, para assim fortalecer as bases teóricas e proporcionar um lugar de fala dentro da escola futuramente. Posterior a estas questões entramos na discussão a respeito das experiências adquiridas ao longo da participação do programa.

Foi de todo interessante perceber o quanto me identifiquei com os depoimentos, pois passamos pelos mesmos desafios, mesmo que em épocas diferentes, mostrando assim como ainda a percepção a respeito da dança como área de conhecimento dentro da escola, mudou pouco. Para todos nós o PIBID serviu quase como um ensaio, aprofundado e totalmente imersivo para a disciplina de estágio. Com a carga horária maior que a do estágio e possibilitando um contado direto, o PIBID proporcionou segurança e novas possibilidades de trabalho, tento em vista o desenvolvimento do bolsista como futuro professor. As duas questões finais abordam o ser professor e consegue reforçar a hipótese de que sim, o PIBID é um despertador para a docência. Por meio das respostas, foi possível perceber o quanto estar participando do programa deixou marcas profundas nos egressos. Mesmo aquele que já possuía uma formação, enxerga o quanto o PIBID Dança lhe foi rico, pois para além do contato com o ensino de dança na escola, lhe possibilitou descobrir-se como pesquisador.

Outro ponto de grande relevância a cerca deste trabalho é perceber o quanto todos ou já possuíam o desejo de ser professor ou tiveram o desejo reforçado dentro do Programa. Dos três entrevistados dois hoje estão trabalhando como professores de ensino superior. Como futura docente, possuo o desejo de atuar em espaços formais de ensino, desejo esse despertado durante a participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência do curso de Dança Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas (PIBID/Dança - UFPel) como cito anteriormente. Sendo assim trago para o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) esta pesquisa sobre os efeitos da aproximação proporcionada pelo PIBID-Dança entre o discente em dança e a escola e os resultados desta aproximação.

Acredito que, falar sobre a importância do PIBID na formação de quem ingressa em um curso de licenciatura em Dança, seja de extrema necessidade, mostrando assim os caminhos percorridos, as motivações, escolhas, experiências dos futuros docentes para então chegar de fato em uma escola e atuar como professor licenciado em dança.

O programa não é e nem foi somente pontos positivos para os bolsistas. Ao longo das entrevistas, foi possível perceber, o quanto algumas coisas não mudaram, desde a participação deles e a minha. Assim como em alguns momentos ficou nítido o descontentamento perante a forma como o programa estava sendo conduzido. Ao longo dos anos o programa teve seus altos e baixos. Problemas dentro das relações entre os bolsistas e a coordenação, durante reuniões de área, problemas para a dança em firmar nosso espaço perante a coordenação do interdisciplinar dentro da escola, entre outros problemas apresentados ao longo das entrevistas.

Mas mesmo assim, não querendo passar a mão por cima, nem forçando uma visão romântica a cerca do PIBID. Porem ao menos em minha visão pessoal é quase impossível negar que mesmo com defeitos e problemas o programa tornou-se uma referencia quando se trata de formação de professor. Não sabemos como irá ocorrer sua continuidade a partir do ano que vem (2019). Este ano (2018) o mesmo já passou por uma grande reestruturação, onde teve sua estrutura alterada, culminando com a perda de muitas bolsas e impossibilitando alguns alunos de experenciarem esse oportunidade. Mas digo que meus anos de PIBID, não foram um mar de rosas, porém me ensinaram e possibilitaram coisas que eu jamais teria imaginado viver. Este trabalho proporcionou além de conhecimentos científicos e novos aprendizados, um entendimento a respeito do meu EU após o PIBID. Por meio de toda a pesquisa, conversas com os entrevistados que tão bem conseguiam responder meus questionamentos, percebi o quanto o programa me engrandeceu como pessoal e futura profissional da Dança. Ao sair da Universidade tenho a certeza de que meus caminhos estão trilhados e decididos graças ao PIBID. Eu nasci para ser professora e não posso fugir do meu destino, isso está em mim desde pequena quando mesmo sem perceber eu era a professora da minha mãe, ensinando ela a ler meus livros, entender meus temas de casa. Eu aprendia com ela e ainda aprendo muito com essa mulher, assim como aprendi com cada um dos primeiros alunos dentro dessa caminhada de quatro anos na faculdade. Meus primeiros pequenos, meus primeiros adolescentes... Cada aula dada, cada trabalho passado e dificuldade enfrentada dentro do PIBID reforçou e ampliou meu amor pela docência. O caminhou até aqui foi difícil, complicado, mas eu sei onde eu quero chegar e ser. No final de tudo eu serei professora de Dança dentro de uma escola e a partir desse dia nada irá me derrubar, por que vou estar realizada. Posso dizer que foi gratificante o desenvolvimento do presente trabalho, pois por meio do mesmo, identifiquei o quanto o PIBID ainda é importante e deixa marcas profundas na trajetória de quem dele participa.

# Referências

ALMEIDA, Jane Soares. **Estágio Supervisionado em prática de ensino: relevância para a formação ou mera atividade curricular?** Revista ANDE, v.13, n. 20, p.39-42, 1994.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física / Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC / SEF, 1998.

BRASIL, Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: arte**. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec. gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf>

BRASIL, Ministério da Educação. Fundação CAPES. Página inicial -**educação básica - Pibid,** 2008. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/educacao-basica/ capespibid>. Acessado em: 22 de Novembro de 2018

BRASIL (1996). **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** (LDB) 9.394/96

BACCON, Ana Lúcia Pereira. et al. **Políticas Públicas de Formação de Professores: a construção de saberes docente na formação inicial e continuada em serviço no contexto PIBID.** Eixo 2. Políticas de Educação básica e de Formação e Gestão Escolar. 2016

BARRETO, Débora. **Dança...: ensino, sentidos e possibilidades na escola.** 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

BRANDÃO, Mattos Mariza, Cláudia, **Interdisciplinaridade no PIBD Geoartes/UFPEL: práticas e reflexões** Pelotas: UFPEL, 2014.

COELHO, Juliana de Moraes, ALMEIDA, Alex Sander Silveira de, AULER, Priscila, BOTELHO, Taís. **DANÇANDO COM O PIBID: REFLEXÕES A PARTIR DA ATIVIDADE INTERDISCIPLINAR NO II ENCONTRO DO PIBID UFPEL.** 12ª Mostra de Produção Universitária, Seminário de Ensino, Rio Grande/RS – 2013.

CONE, Theresa Purcell; CONE, Stephen L.. **Ensinando dança para crianças**. tradução. Lúcia Helena de Seixas Brito; Soraya Imon de Oliveira]. 3ª ed. Barueri, SP: Manole, 2015.

CONTREIRAS, Clarice; CURVELO, Marília. **Dança na Educação Básica: o pibiddança em escolas de ensino médio da rede pública estadual de salvador**. In: II Congresso Nacional de Pesquisadores em Dança – ANDA/ Comitê: Dança em Mediações Educacionais, jul de 2012, São Paulo. Anais... São Paulo: UNESP, 2012. Disponível em: <<http://www.portalanda.org.br/anaisarquivos/1-2012-9.pdf>> Acessado em: 22 de março 2017.

FERREIRA, Taís, FREITAS, de Richthofen Fonseca Leticia, **Identidades no contexto escolar**. [et al.] – Porto Alegre : Observatório Gráfico, 2013.

GAUTHIER, Clermont et al. **Por uma teoria da pedagogia: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente**. 2ª ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2006.

Gil, Antônio Carlos, 1946- **Como elaborar projetos de pesquisa**/ Antônio Carlos Gil. 5.ed.- são Paulo: Atlas, 2017.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Gleicy Calhau, IOCCA, Fátima Aparecida da Silva. **As Contribuições do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação á Docência para a Formação Docente.** Revista Eventos Pedagógicos v.3, n.3, p. 101 - 112, Ago. – Dez. 2012

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica 1.** - 5. ed. - São Paulo : Atlas2003*.*

LIBANIO, João Batista. **A arte de formar-se**. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

MARQUES, Isabel A. **Ensino de dança hoje: textos e contextos.** 1. ed. São Paulo: Cortez, 1999

MARQUES, Isabel. **Dançando na escola**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MOREIRA, A. F. B.; CANDAU, V. M**. Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos. In: Educação como exercício de diversidade.** Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2005. 476 p. (Coleção Educação para todos; 6).

NÓVOA, Antônio. **Formação de professores e formação docente. In: Os professores e a sua formação**, do mesmo autor. Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1992.

OTT, Janine Lopes. **A DANÇA NA ESCOLA: um estudo sobre o PIBID GeoArtes da UFPel.** 2016. 65f. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Centro de Artes. Curso de Dança Licenciatura. UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, Pelotas.

PEREIRA, Silvia Raquel C. et al. **Dança na escola: desenvolvendo a emoção e o pensamento**. Revista Kinesis, Porto Alegre, n. 25, p.60- 61, 2001.

POMBO, O. **A interdisciplinaridade: conceito, problemas e perspectivas** in POMBO, O. LEVY, T.E GUIMARÃES, H.A **Interdisciplinaridade: reflexão e experiência**. Lisboa: Texto. 1994

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. D. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2ª. ed. Novo Hamburgo: Universidade Freevale, 2013.

SOCZEK, Daniel. **PIBID como Formação de Professores: reflexões e considerações preliminares** AFormação Docente – Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores  v. 3 n. 5 (2011)

STENTZLER, Márcia Marlene. **Formação docente e cotidiano escolar: Novas prioridades para as licenciaturas a partir do PIBID.** Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul. 2012.

STRAZZACAPPA, Márcia, **Entre a arte e a docência: A formação do artista da dança/ Marcia Strazzacappa e Carla Morandi.** – Campinas, SP: Papirus, 2006. – (Coleção Ágere)

TARDIF, Maurice. **Conferência proferida na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas** - RS, no dia 25 de outubro de 1999. Universidade Laval, Quebec, Canadá.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa - ação. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1986.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. Vice-Reitoria. Coordenação de Bibliotecas**. Manual de normas UFPel para trabalhos acadêmicos.** Pelotas, 2013. Revisão técnica de Aline Herbstrith Batista, Carmen Lúcia Lobo Giusti e Elionara Giovana Rech. Disponível em: <[http://sisbi.ufpel.edu.br/?](http://sisbi.ufpel.edu.br/?p=documentos&i=7)p=documentos&i=7>

VERDERI, Érica. **Dança na Escola: Uma abordagem pedagógica.** São Paulo. Phorte, 2009.

VIEIRA, M. S. **A dança em cena: reflexões para o ensino superior de dança**. Dança, Salvador, v. 4, n. 1 p. 25-33, jan./jun. 2015.

VIEIRA, Marcilio de Souza. **História das ideias do ensino da Dança na Educação Brasileira (Parte II).** Natal: UFRN. Estágio Pós-Doutoral UFPB; Professor Adjunto; PhD em Artes; Artista e pesquisador da Dança, 2017.

WIEBUSCH, Andressa, RAMOS, Nara Vieira. **As Repercussões do PIBID na Formação Inicial de Professores.** IX ANPED Sul Seminário de pesquisa em educação da região sul, 2012

WOLFFENBÜTTEL, Cristina Rolim **Licenciados em Arte da UERGS: Artes Visuais, Dança, Música e Teatro Participando do PIBID/CAPES.** XVI ENDIPE- Encontro Nacional de Didáticas e Práticas de Ensino - UNICAMP- Campinas -2012.

# Apêndice

Apêndice A: Transcrição de entrevista presencial realizada durante a pesquisa

**Entrevista: Sujeito 1 Robson Porto**

**Pesquisadora:** Então, se você puder falar o seu nome, sua idade e o tempo em que você participou do pibid mais ou menos  como no questionário, para darmos inicio a entrevista.

**Robson:** Eu sou o Robson Porto, eu tenho 31 anos e participei do PIBID mais ou menos um ano, um ano e alguns meses, né. Sendo que eu já  havia participado do PIBID em outra oportunidade, que eu também sou graduado em matemática né. Então durante a matemática participei um ano do PIBID, participei do primeiro projeto que teve do PIBID né,  que foi em 2009, acho que foi 2009... Eu tava no último ano da matemática ai depois fiz todo mestrado encima do PIBID, pensando na formação dos alunos,  parecido com o teu inclusive. Que foi para perceber de que maneira que os licenciandos...  Como que a experiência do PIBID influenciou  na sua formação em quanto graduado em matemática. Aí depois que eu entrei na dança eu tive então a oportunidade de participar do projeto da dança também com mais um ano e alguns meses.

**Pesquisadora**: Ao participar do pibid sentiu-se contemplado para o desenvolvimento da sua formação como professor de dança?

**Robson:** Com certeza né, ainda mais que a especificidade do nosso curso é atuar nos espaços formais né, principalmente, também nos espaços não formais, mas espaços formais, e  o PIBID me colocou na escola né. Então  quando eu entrei pro PIBID eu tinha  essa ideia,  vontade de poder experimentar, experiênciar a escola com ensino de dança. Porque eu não tive esse contato, eu tive esse contato só com o ensino de matemática na escola né, e o PIBID sim, me fez,  deu essa  possibilidade de estar em sala de aula é...  Trabalhando o conhecimento de dança com os alunos.

**Pesquisadora**: Tu consegues enxergar o pibid como uma ponte entre a dança e a escola?

**Robson:** Com certeza né, o PIBID ele favorece essa conversa entre universidade e a escola, principalmente na questão da dança, porque nos possibilitam contato. Levar a dança para escola, então eu acho que é mais uma possibilidade da dança está inserida no ambiente escolar.

**Pesquisadora**: Você acredita que a interdisciplinaridade do pibid UFPEL possibilitou e possibilita espaço para dança dentro da escola tendo em vista a tua experiência dentro da escola, era possível ver que existia uma interdisciplinaridade ali?

**Robson**: Então na verdade eu acho que esse é o grande diferencial do projeto da UFPEL né, esta questão da interdisciplinaridade. Na experiência que eu tive,  na escola que eu trabalhei não  acontecia exatamente de forma interdisciplinar, aconteceu uma multiplicinaridade  né. Na verdade elas não conseguiam conversar entre as áreas né, aconteciam de forma  isolada,  muitas vezes a dança era atividade lúdica, então essa era a crítica que eu fazia quando eu participava do projeto dentro da escola que eu participei que era a seguinte né:   De que maneira... Porque que a dança sempre tinha que ser vista como um floreio né, então tinha um conteúdo da Matemática tinha o conteúdo da Biologia e a dança era a parte  que os alunos iam dançar  e a dança não é só ficar dançando... A dança também tem conhecimento, também tem conteúdo né, então  a minha contribuição quando eu participava era sempre tentar mostrar a dança não só como a parte lúdica da proposta, mas também como uma área de conhecimento tão importante quanto às outras áreas que estava participando daquele projeto. Mas por outro lado mesmo não acontecendo à interdisciplinaridade eu acho que a multidisciplinaridade é um caminho pra se pensar em relação entre as áreas mesmo que não tenha sido, que eu não tenha conseguido viver isso na prática eu acho que foi um movimento muito importante que o PIBID da dança faz, ou melhor, como o PIBID da UFPEL faz, no sentido dessas áreas conversarem acho que é o início.

**Pesquisadora:** O que te motivou a participar do pibid assim qual foi à motivação maior?

**Robson:** Então na dança  a minha motivação foi ter a experiência na escola, porque eu tinha experiências  pontuais né, mas o PIBID me colocou pelo menos uma vez na  semana na escola, fora as atividades que eu desenvolvia então... Participar do PIBID para mim seria muito importante, esse foi o meu esforço em participar do PIBID foi nesse sentido a minha vontade de poder viver a escola um pouco mais durante a minha formação inicial. Para que eu pudesse me formar um graduado em dança que, tivesse não só experiência no espaço não formal que é onde eu mais trabalhei e mais trabalho, mas também pudesse ter essa vivência nesses espaços que também constituíram espaço para área de atuação na minha formação.

**Pesquisadora:** E com base em tudo isso, quais são os pontos fortes   e os frágeis que tu consegue ver em toda essa tua trajetória dentro do pibid?

**Robson:** Meus pontos?  Meu particular?

**Pesquisadora:** Isso das tuas experiências,  Quais são os pontos que tu consegue ver ponto forte para ti quanto do programa.

Robson: Eu acredito  que o ponto  forte  meu né, na participação do projeto foi estar na escola, foi pensar ensino de dança na escola, foi também poder conversar com outras áreas, pelo menos a tentativa né, de conversar, de dialogar que não é fácil para nenhuma das áreas né. A nossa formação ela é disciplinar né, então quando a gente tem esse desafio de conversar com outras, então acredito que estar aberto uma conversa há um diálogo já é um avanço né. Que há um tempo atrás isso não existia, nem se cogitava, uma vez que a gente é tem priorizado a especialização né, a gente não tem essa conversa acho que essa contribuição do projeto: Estar na escola está dialogando com outras áreas. E o que poderia pessoalmente eu gostaria de ter feito mais... Os pontos frágeis na verdade pessoalmente né falando da minha experiência eu gostaria de ter produzido mais eu me envolvi pouco na pesquisa do PIBID e o PIBID é um projeto que dá muita possibilidade de pesquisa né. E esse foi um ponto que eu poderia ter sido melhor no projeto, poderia ter me envolvido mais com a pesquisa. Apresentei alguns trabalhos, mas pela riqueza da experiência que eu estava tendo de quando eu estava lá dentro poderia ter aproveitado muito mais experiência  ter escrito sobre ela refletindo sobre ela. O ponto fraco do programa  em si,  eu acredito que por ser um projeto né, que tem como objetivo é...Tem como um dos objetivos a formação inicial ou seja potencializar a formação do graduando da licenciatura eu achava que poderia ter mais momentos do projeto em que os alunos pudessem dialogar sobre suas experiências né. Nossas reuniões eram muito focadas em registrar o que estava sendo feito nas aulas, nas escolas, o que é muito importante  né, até a leitura de algum texto oficinas de escritas que também  era muito  importante, mas acredito que pela, que o projeto em si teria sido uma experiência mais rica ainda se a gente tivesse  mais momentos para discutir sobre as formações  né, porque discutindo e refletindo sobre a prática o sujeito também se forma né. Eu acho que é muito importante nesse processo formativo do aluno que está saindo da graduação então isso eu acho que poderia ter sido...  fica como sugestão para os próximos projetos.

**Pesquisadora:** Você reconhece alguma relação entre a sua atuação como pibidiano e suas escolhas e oportunidades profissionais depois de formado?

**Robson:** Na verdade como eu já  vim...   Entrei no curso de dança  com propósito né, eu era professor no espaço não formal, eu queria me tornar um melhor professor né, até então eu era um professor que trabalhava com dança de salão nas academias e tinha formação em matemática e mestrado em educação.  Então, eu tinha um entendimento sobre pedagogia e sobre didática e tentava fazer uma transposição, do que sabia, do que eu tinha aprendido na matemática e no mestrado para minha atuação em dança. Só que, isso não era suficiente, eu senti necessidade de participar... De fazer outra graduação, em dança me tornar um melhor profissional nesses  espaços. Então isso foi o que me trouxe para Universidade novamente e... A experiência do PIBID em si, foi para eu poder completar essa lacuna que eu tinha na experiência com dança na escola, então ela não interferiu nas minhas escolhas diretamente né... Mas ela contribuiu para que eu... Para pensar a dança nesses outros espaços e realmente foi uma experiência muito válida Não no sentido de trocar o objetivo que eu já tinha, eu já tinha um objetivo quando entrei na universidade, mas no sentido de me fazer pensar outras questões que ate então eu não pensava.

**Pesquisadora:** Atuar como pibidiano em escolas da rede pública e vivenciar a rotina de professor possibilitou uma reflexão a cerca do ensino de dança nas escolas? Como isso interfere no exercício de sua profissão?

**Robson**: Eu acredito que só reforçou a minha é... A responsabilidade do professor que se  forma  se gradua em Dança- Licenciatura é muito grande porque a gente chega ao espaço onde as pessoas... Onde os espaços não estão demarcados ainda né... Então nós temos a professora de artes que, não vai ser o professor de dança, porque os professores de dança estão recém chegando neste espaço. Tem alguns poucos que estão representando. Então eu percebi que a minha disciplina ou conhecimento que eu tinha não era algo reconhecido como algo importante dentro daquele espaço. Então eu tinha muito mais  o dever de convencer de informar, ou melhor, de educar, da importância do ensino de dança na escola mais do que dá conta da minha visão de professor né. Então investi muito nesse papel de dizer: Não a dança tem que estar aqui à dança é importante a dança e conhecimento dança tão importante quanto às outras áreas então envia muito nesse papel e realmente a maior dificuldade o maior desafio foi mostrar que era legítimo a nossa permanência naquele espaço**.**

**Pesquisadora:** O que se fosse possível você modificaria tanto na sua trajetória dentro do PIBID quanto no próprio PIBID?

**Robson:** Então na minha trajetória, eu teria entrado antes no PIBID, na verdade eu tentei entrar no primeiro ano quando eu ingressei na universidade, tentei entrar no PIBID como voluntário  né. Porque eu já tinha uma outra bolsa, que eu trabalhava com educação a distância e eu queria ser voluntário do PIBID porque eu queria me aproximar do projeto, mas não tive oportunidade no momento né, não tinha essa possibilidade no momento... Não tinha possibilidade de entrar como voluntário uma vez que não podia também ter duas bolsas, então eu só consegui entrar no final do ano. Então acho que de repente  aquilo que eu mudaria agora era tentar entrar, ter entrado antes no PIBID e ter me aproximado mais da pesquisa como eu falei e ter refletido mais sobre as experiências dentro da dança. Mas que na época eu pensei em fazer outras escolhas e no projeto em si... Eu acredito que seja essa questão mesmo, de possibilitar mais espaços que sejam voltados para a formação do professor. Não só no registro do que está sendo feito, mas espaços que possibilitem reflexão desse futuro docente. Então acredito que, os alunos licenciandos precisam conversar mais, precisam se conhecer mais, precisam saber mais do que um está fazendo na escola, precisa opinar sim, em relação à prática do outro, para pensar sobre isso a luz da teoria que está sendo proposta né. Então eu acredito que realmente esse a questão formativa do professor pode ser algo melhorado no PIBID.

**Pesquisadora**: E agora pegando um pouco do PIBID mais de forma geral do que só no foco da dança já que tu participaste do PIBID matemática. Tu acreditas que em algum momento nessa caminhada dentro do pibid em si tu teve a certeza que era isso que tu querias convidar estar na sala de aula Independente de ser matemática ou dança?

**Robson:** Sim, quando eu participei do PIBID da Matemática antes de entrar no PIBID, lá em... 2006/2007, eu entrei em 2009 no PIBID da matemática. Eu era um bom aluno da matemática, eu era um aluno com notas boas, um aluno de Ensino Médio bom, esse que eu era. Nunca tive envolvimento com a pesquisa eu não pensava sobre eu não tinha... Eu apenas queria passar, eu era nota eu era um número.  Entrei no PIBID e isso que eu já tinha contato com a escola na época né, eu participava de outros projetos, mas o PIBID me fez vislumbrar outras oportunidades, me fez ter vontade de entrar em uma pós-graduação, me deu um outro olhar para minha prática enquanto professor então o PIBID me abriu as portas para que eu pudesse... Para que eu descobrisse que, eu podia ir mais longe né. Eu  acreditava que eu podia ir até determinado lugar e o PIBID foi... Me pegou pela mão  e disse: tu pode mais do que isso né tu pode entrar numa pós-graduação. Então acho que foi por isso que eu tive um contato tão forte com PIBID desde início. Que foi o que me abriu as portas para pesquisa,  me abriu outras possibilidades que até então, sendo apenas um número na primeira graduação eu não tinha ideia né. Então eu acho que essa contribuição não só para a formação do professor, mas na formação do pesquisador também, acho que essa foi a maior contribuição para minha formação e carreira docente.

**Pesquisadora:** Resumindo o PIBID em uma palavra.

Risos...

**Robson:** Oportunidade

**Pesquisadora:** Muito obrigada.

Apêndice B: Transcrição de entrevista presencial realizada durante a pesquisa

**Entrevista sujeito 2 Alice Braz Iturriet**

**Pesquisadora:** Eu vou pedir para você dizer teu nome e tua idade e o tempo que tu participaste do PIBID para a gente começar.

**Alice:** Meu nome é Alice Braz Iturriet eu tenho 27 anos e participei do PIBID o máximo de tempo possível que a CAPES permitiu (4 anos), depois me mandaram embora, não podia mais ficar… Risos.

**Pesquisadora:** Então ao participar do PIBID sentiu-se contemplada para o desenvolvimento da sua formação como professora de dança?

**Alice:** Sim, eu me senti contemplada. Porque no PIBID, no primeiro PIBID, principalmente o primeiro edital que eu participei, foi o primeiro edital que saiu da Dança. Foi na Assis Brasil, a minha coordenadora de areia das artes visuais, Cláudia Brandão e nós trabalhávamos a Dança, a Geografia, as Artes visuais e a Música. A Música acabou saindo, teve alguns problemas, tinha também alguns problemas com a Geografia, mas os pibidianos da Geografia foi uma escolha deles seguir  na escola para dar continuidade ao projeto interdisciplinar. E eu acho que não tem como dividir, não tem como separar o que eu aprendi no  disciplinar e no interdisciplinar, por que nesse período principalmente, esse primeiro edital, ele me apresentou muito, muito mesmo. Eu conheci coisas que eu nunca tinha conhecido sobre as Artes Visuais, autores que eu nunca teria ouvido falar na graduação e que são importantes como Gilbert Durand, e aquele que inaugura o pensamento complexo... Pensando… ele vai vir… Enfim, ela introduziu a gente a teorias do  pensamento complexo e coisas do tipo assim, é diferente, a gente não lia só Olga Pombo, a gente lia outras coisas também, para tentar pensar, tentar estimular esse encadeamento de ideias e de conexões eu acho, das coisas. Então esse PIBID ele foi um marco assim, ele foi o diferencial por que todo o resto da minha formação a parte dele foi um start muito grande. E nesse primeiro a gente fazia ações diárias, nós tínhamos bastante ações diárias, eu sempre achei as ações muito pontuais no PIBID. Talvez seja também porque eu tinha parâmetro de comparação e é errado comparar, mas a gente compara... A professora Cláudia Brandão ela tinha um projeto que ela propôs um projeto disciplinar que ela propôs para os alunos e eles toparam era um projeto de fotografia. Mas o que eu achava interessante era toda aquela estruturação daquele projeto, porque tinha... Era um projeto que previa ações que não eram só 01 ou 02 encontros, tínhamos mais envolvimento e eu sentia falta disso no povo em relação à dança, a gente tentou dançando... O Dançando com o PIBID foi o primeiro e depois foi Dançando no PIBID, que teve. Ai o dançando com PIBID era uma proposta que a gente queria para comunidade principalmente para professores né, então a gente fez todo projetinho bonitinho, mas ele não vingou assim, ele começou a ser proposto da metade do semestre para o final dele e a gente sabe que na universidade não adianta e professor da rede também é difícil né, a gente sabe que a carga horária deles é muito apertada então era complicada era no sábado de tarde… É tinha que ter bastante vontade! Risos

**Pesquisadora:** Trazendo isso tudo que você falou, juntando com a interdisciplinaridade, que acontecia na tua escola. Tu consegues visualizar o pibid como uma ponte entre a dança e a escola?

**Alice:** Sim, com toda certeza. Eu acho é a aponte mais rápida que tem para a escola é o PIBID. E porque dentro do...  Quando a gente… por que nunca ouviram falar da dança. Aí a gente chega lá e a primeira pergunta dos supervisores é o que a gente dança né… Acho que isso todo mundo que entra no PIBID acaba passando por isso. Aí claro a gente fala os tipos de dança a gente costuma trabalhar mais… Aí a gente chega lá  e a primeira pergunta deles é sempre a mesma. E mesmo que a gente fale de dança, a gente… Começa a aprender como também falar para eles, como... Que a gente não vai para lá ensinar jazz, ou dança contemporânea, ou dança afro. Não é uma coisa específica, é a dança como educação, como outra linguagem e que tem coisas que são interiores a gêneros de dança, eles são importantes, com certeza, é vocabulário né… de movimento  também, de experiência, de vivência, mas tem coisas que são anteriores a isso. Enfim… Aí eu acho que com o pibid, a gente tem  acesso ao ambiente da escola, a rotina da escola, então a gente aprende, pelo menos para mim foi. Eu aprendi muito assim, em relação a como funciona a escola, quando eu cheguei ao estágio, pra mim... Eu não tive problemas em relação a isso porque né é assim: os alunos são loucos e a gente é louco também!  Então fica todo mundo assim e eu acho isso. E acho que é uma ponte importante, é a primeira ponte... é a melhor ponte que a dança tem para a escola.

**Pesquisadora:** Tu acreditas que a interdisciplinaridade no pibid UFPEL possibilitou e ainda possibilita um espaço para dança dentro da escola, tendo em vista a sua experiência dentro do programa era possível ver uma interdisciplinaridade? Era possível ver que a dança tinha espaço dentro daquela escola?

**Alice:** Tinha, nas duas escolas! A primeira escola foi o Assis Brasil, fiquei dois anos e meio na Assis Brasil. e depois a segunda escola que foi no edital seguinte foi, a Barreto que é lá no Laranjal. E tem, tem espaço, porque eu... Eu não vou dizer assim, que eu conheço horrores de cursos de graduação, mas eu acho que nem um curso, ou poucos cursos de graduação tratam o corpo como a Dança trata. O corpo é… Ele está em todas né!  Mas aí também a gente tem que tem que saber que a nossa área é privilegiadíssima para tratar de interdisciplinaridade. Mas aí a gente tem que saber que, a nossa área é privilegiada  e também saber o que a gente pode dentro dela né. Tudo, todas as nossas possibilidades porque senão a gente chega lá e também não consegue ver conexão é muito interessante, a interdisciplinaridade depende muito de a gente conseguir... De a gente saber muito, a gente precisa conhecer muita nessa área. A gente precisa conhecer muito  a nossa área para conseguir ramificar a coisa e diluir. Passada essas coisas que são... Que a gente vê como fronteira sabe? Aqui é dança, aqui é teatro, aqui é geografia, aqui... Não! A gente está ali, porque ninguém vai olhar para o corpo como a gente olha, esse corpo fala... Que é a experiência, né?

**Pesquisadora:** E o que te motivou a entrar no PIBID? Tipo assim, eu quero fazer parte deste programa.

**Alice:** Quando eu entrei na dança, eu entrei na dança porque eu queria dar aula de dança, queria trabalhar com escola realmente assim. Então foi uma coisa maluca,  foi reviravolta até para minha família, por que... Foi uma coisa totalmente diferente ainda é corpo ainda medicina. Eu vi aquela dança teatro e pensei, eu quero fazer isso, porque eu lembro que eu dançava na Cia. da Dança. E eu lembro que quando eu fazia parte da Cia. da Dança eu dei oficina em escola, por que minha mãe é professora. Então eu acabei dando oficina em escola, oficina de Dança do Ventre coisas assim. Mas quando eu entrei na Dança, foi um universo totalmente novo pra mim, coisas que eu nunca tinha visto em uma academia, pensar, se pensar, pensar o outro, pensar a relação com o outro, pensar a relação com o ambiente. Foi uma coisa muito forte pra mim e no momento que eu entrei na dança, eu entrei pensando, não, eu ainda vou fazer medicina, mas no momento em que eu comecei a viver a dança, eu não tive mais dúvidas do que eu queria pra mim, eu não queria um hospital, eu queria um corpo vivo. Risos…. Muito vivo! Teve uma época que eu era bolsista da Xanda, e aí veio o PIBID e tinha todo um… Nossa o PIBID vai ser difícil de entrar… E foi aquele medo né, da coisa, porque era uma coisa nova, uma bolsa totalmente nova. Eu quis porque era na escola, então eu entrei no PIBID por todo este encantamento que eu tive com a dança  e eu queria que as pessoas sentissem isso. sei que parece bobo isso mas é isso não tem outra explicação além disso. Lembro que eu coloquei isso na carta, na carta de intenção eu lembro de colocar algo assim e isso segue até hoje, é o que me move. Quando a gente experimenta uma coisa e que a gente sabe quando a gente sente, o quanto... Eu sei o quanto eu senti e o quanto eu mudei, eu gostaria que outras pessoas também pudessem perceber as coisas de outros modos. Mas é isso principalmente isso multiplicar.

**Pesquisadora:** Apontando pontos fortes e pontos frágeis, disserte acerca de suas experiências em relação a sua participação no PIBID: e de qual forma sua trajetória foi afetada?

**Alice:** Como eu tava falando lá no inicio, a primeira coisa foi todo o aprendizado que eu tive no Assis Brasil, que essa estrutura interdisciplinar que eu saiba ela é só na UFPel né, então é o diferencial muito grande de outros PIBID por que a gente socializa com os outros e fica sabendo de como funciona. Sempre senti falta, do disciplinar mais estruturado, melhor estruturado, com a coisa funcionando para além de preposições pontuais de uma oficina no dia da Dança, uma oficina aqui ou 3, 4 encontros. Isso é uma coisa que a mais a longo prazo. Mas claro, eu não acho que isso seja deficiência só da coordenação, acho que é dos bolsistas, logo minha também né, de não pensar isso. Que tu tá ali, tu pode propor, tu tem a escola, tu em os supervisores, de certa forma tu tem o espaço, alguma turma os supervisores vão te dar então os coordenadores estão ali para te instruir, tem isso né, acho que também parte um pouco da nossa autônima. E eu acho que muitas vezes me faltou autonomia talvez nesse sentido, mas essa autonomia ela também esbarrava porque desde o início, quando eu entrei no PIBID, no primeiro PIBID eu estava grávida do Emílio. Então eu sempre tive muita função em relação ao PIBID. Eu tinha o PIBID e um bebê de 4 meses me esperando em casa então eu tava sempre correndo, porque eu evitava levar ele porque eu achava que podiam, sei lá... Se sentirem atrapalhados, eu nunca me senti a vontade para levar ele. Eu tenho um pouco de dificuldade de me concentrar também preciso, preciso conseguir focar nas coisas aí eu fico com vários canais, se ele estivesse junto ia ficar um pouco mais difícil. Mas desse início a parte inicial assim do programa foi que eu me senti mais...Esse primeiro edital foi o edital que eu me senti mais aprendendo digamos assim porque a gente teve todo um estudo que na época revigorada ainda dos PCNs, não era um estudo de ler e fazer um resumo, liamos todos juntos e debatíamos, cada ponto, cada coisa. Tem coisas dos PCNs que eu lembro até hoje, então foi muito legal. E do segundo edital... Mas no final desse primeiro edital eu já estava totalmente diferente. A estrutura do PIBID, a gente começou com 5 coordenadores, acho que era a Xanda, o Thiago, a Maria, e mais 3 pessoas eu acho. Assim tinha no mínimo 3 coordenadores, eu não consigo lembrar. Então tinha esse transito de coordenadores também, que por um lado é bom, por que são diferentes formas de ver a dança, a Xanda tem uma forma totalmente diferente do Thiago de ver a dança, assim como eles são diferentes na aula também. Mas em relação a estrutura do PIBID, no segundo edital eu achei fraco, bem honestamente. A gente conseguiu fazer um projeto a muito custo, ao mesmo tempo em que eu a gente fica nessa que o coordenador ele tem que entender... a gente quer que o coordenador entenda as nossas necessidades, enquanto aluno, as coisas que a gente precisa, as coisas passa, aquilo faz parte de quem a gente é, que as vezes impede a gente de fazer as coisas realmente. Também não da pra deixar muito solto, e a gente lá no laranjal era meio complicado isso e a gente demorou muito tempo a fazer o projeto, o diagnóstico foi muito legal, muito bom de fazer, essa coisa de ser uma escola na praia, é outra coisa, é outra forma de ver e eles são muito bairristas lá, as crianças são muito bairristas também. Então é outra... Outra coisa é a cidade e o Laranjal, mas ao mesmo tempo eles tinham um desejo muito grande de ir pra cidade e não de ficar no Laranjal, então a gente trabalhou com isso também, mas lá eu acho que não... Demorou pra desenvolver e o projeto não foi desenvolvido, ai ficava meio que umas coisas assim: Vamos fazer então isso, vamos fazer não sei o que... Pra computar, era bom pras crianças, era mais experiências, mais coisas que elas viviam, pra gente também era muito bom porque a gente tinha que se nos virar 30. Às vezes surgia: Ah, vamos fazer não sei o que hoje, e a gente tá vamos... Mas não tinha aquele desenvolvimento, aquele encadeamento. E talvez eu tenha sentido falta disso por que quando eu fiz o disciplinar com a Cláudia tudo era muito encadeado, tudo era muito pensado, as atividades eram muito bem pensadas, muito bem planejadas, pra dai então... Mas eu fui entender o que era interdisciplinaridade no segundo, porque eu tive eu viver todo o negocio, pra quando chegou no segundo, foi que eu comecei, foi no final do primeiro, lá na finaleira que começou a ter oficinas, com o curso normal, que era o curso que era a nossa turma. Foi que eu fui começar a acessar as coisas, a conectar tudo realmente. Foi no segundo, mas ai no segundo eu senti bastante defasado em vários aspectos, mas no disciplinar começou a melhorou no segundo edital. Por que... Melhorou por que no segundo edital mudou a coordenação também do PIBID, entrou a coordenação com a Flávia, a Flávia ela já estava na coordenação, mas ela tomou a frente. E acho que no momento em que ela tomou a frente, começaram a ter mais estudos dentro do disciplinar. Ai aconteceu né, eu tive outro nenê , por que eu adoro me sabotar eu acho. Enfim... Mas ai eu tive outro nenê, ai foi meu acompanhamento que não ficou bom, mas eu seguia vendo as atividades que eram propostas, tinha resumos e daquele resumo tu dava tua opinião. São coisas que digamos que seja uma sementinha pra tu começar a fazer uma resenha, daqui a pouco ta fazendo um artigo... Eu notei que foi muito de escadinha as propostas da Flávia eu achei isso muito didático. Por que apesar de eu estar no PIBID a tanto tempo, ate então eu patinava muito pra isso, de pegar um negocio, ler e escrever sobre aquelas coisas e dar... Sabe me posicionar em relação aquilo também. Então a partir dai começou o exercício que era difícil era puxado pra mim, mas foi muito bom.

**Pesquisadora:** E de tudo isso, tu reconhece alguma relação entre a sua atuação como pibidiana e suas escolhas e oportunidades profissionais depois de formado?

**Alice:** Eu quero dizer que eu acho que tirando o  âmbito da escola, no disciplinar a visão da disciplina de arte dança dentro da escola, quando os outros estão mais difíceis e dentro da escola é um leque muito grande de possibilidades pra trabalhar por que hoje me dia tem como se fosse sábados interdisciplinares que na verdade me parece mais multidisciplinares do que interdisciplinares que tem no Município né. Eu acho que a gente consegue fazer, eu consigo pelo menos fazer conexões com outras áreas eu acho que não dar aula sem conseguir dar aula sem fazer isso na verdade.  E uma coisa que precisa, só precisa, que eu sinto falta e eu vou fazendo eu preciso disso, mas tirando fora do âmbito da escola para mim se torna mais difícil porque o que eu quero fazer as minhas propostas quando sai da escola tem que propor um gênero de dança, mas tá e aí qual é o gênero de dança e não é isso que eu gosto. Então isso me moldou tanto que eu tenho a necessidade de como trabalhar a dança.

**Pesquisadora:** Atuar como pibidiano em escolas da rede pública e vivenciar a rotina de professor possibilitou uma reflexão acerca do ensino de dança nas escolas? Como isso interfere no exercício de sua profissão?

**Alice:** Possibilitam desde lá no porque já nos estudos dos PCNs nós já conversamos sobre isso, sobre... Acho que é uma visão bem, o PIBID me trouxe umas visões bem Freirianas sobre atuação da dança a escola e a relação com o aluno. De dar a importância de não ser uma bolha de ter que dialogar com os alunos e também se desdobrar porque são pessoas eles têm desejos também, e se os desejos nos movem a gente tem que ver e trabalhar com os desejos deles também né, de certa forma. Então para mim me moldou e me fez diferença e é isso… Então, atualmente eu não estou trabalhando como professora de dança a escola, então começa por ai... O que sinto como diferença é, por exemplo, o tempo que eu fui monitora da Virgínia na Biodança né, foi também o que eu trabalhei no meu TCC eu tive monitoria com ela né. É um tipo de dança que eu me lembro de pensar de muitos gatilhos em relação ao dança e perceber muito, qual é o meu lugar de fala, o meu lugar do que eu quero do que acredito. Porque, não é jamais me desfazendo do que ela tenha feito, mas tem coisa das propostas da Biodança que são diferentes quanto à proposta da dança quanto arte educação na escola e aquilo era um desafio, porque eu lidaria com as coisas de uma forma completamente diferente do que ela. Só que eu enquanto monitora não podia interferir, até isso foi um aprendizado do PIBID, por que a gente dava aula em grupo, mas isso também não significava que todo mundo ia falar o tempo inteiro. As pessoas estavam ali, mas isso não significava que todo mundo ia guiar a aula. A aula era preparada em grupo, as pessoas estavam ali para auxiliar, digamos assim, facilitar, junto com os alunos, uma mediação eu acho. Mas a cada atividade tinha que ficar muito nítido para os alunos quem é que ta fazendo aquilo, quem é que ta... Se não era um zarel. Risos.... E na biodança acontecia isso, eu tinha muita preocupação de nunca interferir no lugar dela, na posição dela, por que não cabia a mim, a proposta era dela e eu estava lá enquanto monitora.

**Pesquisadora:** Então o que se fosse possível você modificaria na sua trajetória dentro do pibid e no próprio PIBID?

**Alice:**  O PIBID ele é um programa de bolsas que ele tem um diferencial muito grande da maioria dos programas, mesmo de extensão,  por que ele dá  aporte para o bolsista. O PIBID ele dá um aporte muito grande para o bolsista, pelo menos na época que eu entrei ele dava um aporte muito bom. Então eu acho que, possivelmente eu teria me esforçado mais para... O que eu mudaria na minha trajetória é de aproveitar melhor as oportunidades  que o PIBID poderia suprir financeiramente, principalmente, porque acho que um grande entrave para a gente que é acadêmico, graduando é a questão de grana. Para gente é difícil, tem coisas em outras cidades que a gente não consegue fazer, tem curso e tal e a gente não consegue fazer, e o PIBID, pode ser que o PIBID não pagasse o curso, mas ele dava o deslocamento entende. É muitas coisas. Eu acho que é isso, assim, porque sair daqui ir em outro lugar para ficar ou só ficar no eventos daqui é muito diferente porque tu mergulha.  A única vez, no final...  Bem no início do segundo edital, ainda tinha uma verba remanescente do primeiro ou algo assim. Não. Era uma verba  que era pra eventos, mas como a maioria esmagadora recente tinha entrado ninguém ia usar aquela verba tão cedo. Então eu e a Jaine conseguimos fazer o pedido, a gente propôs oficinas e nós fomos as duas para Minas, gente é totalmente diferente tá em outro lugar com outras pessoas num evento que durava 7 dias e que tinha mesas, debates, tinha oficinas. Eu acho isso muito rico e quem tá no PIBID, um programa  que tava no porque né, não existe mais,  num programa que possibilitava  os alunos a terem outras vivências e crescer profissionalmente porque crescer profissionalmente é crescer também como um ser humano total Eu acho que isso é uma oportunidade única.  Pouquíssimas bolsas vão propiciar além do trabalho coletivo a construção coletiva Quem tá na licenciatura não tem como não trabalhar o coletivo trabalhar coletivamente a gente vai para uma escola tem que saber e dança questão de moldar acho que o que eu mais senti falta foi essa questão de trabalhar procurar trabalhar dança de uma forma a longo prazo para que se pudesse olhar...  Porque aquilo poderia se tornar um  objeto de pesquisa  real sabe o semestre inteiro trabalhando, um semestre inteiro semanalmente é diferente de sei lá 4 Semanas seguida é outro objeto é outra coisa então Eu acho que principalmente é isso. Isso, da coordenação uma estrutura de projeto que venha da Coordenação quanto da gente que era bolsista porque eu não lembro disso acontecer também outras escolas eu não lembro minha escola e sim uma coisa geral.

**Pesquisadora:** Pegando tudo isso que tu falou, porque se tu colocar lá na primeira questão que tu já entrou como desejo do corpo seja medicina ou na dança, tu consegue ver em algum momento nesses 4 anos. Não digo que foi de fato dentro do PIBID, mas que foi por meio dele que tu disse: Que é isso que eu quero o resto da minha vida, ser professora?

**Alice:** Eu não sei! Porque eu entrei nele querendo ser professora, mas eu poderia ter tomado um susto. Mas um diferencial que o PIBID fez, porque lembro que quando eu entrei, em pedagogia 1... Não, pedagogia 2. Eu me lembro de em pedagogia 2 ter discussões assim com os colegas. Que uma colega tinha uma visão  que a escola era muito legal, muito boa, que a escola é comunidade, que as pessoas vão a festa... E pra mim aquela visão era um romance só... A escola é horrível, a escola é um lugar horroroso... Risos... Mas por que tu ta aqui se tu acha a escola horrorosa? Ué, por isso, por que eu acho a escola horrorosa! Risos... Olha só, a cabeça da pessoa não bate bem... Mas enfim... É isso, eu queria dar aula, mas não significava que eu achava aquilo lindo e maravilhoso, a convivência pra criança é uma coisa muito difícil, é um lugar onde a criança ta começando a apreender, a criança, o adolescente é um lugar que pode ser brutal entende. Então eu nunca consegui ver a escola como uma coisa linda e maravilhosa. Mas no PIBID eu comecei a olhar com mais carinho pra esse espaço que é a escola, e isso é uma dimensão que o estágio não consegue dar, que essa dimensão do engendramento das coisas dentro de uma escola. Tu vai pro estagio e ah, funciona assim, tu vai se portar a não sei quem e em o horário, tarara tarara... Mas no PIBID tu conhece as pessoas, tu ta lá toda a semana e começa a conhecer as pessoas, e começa a entender o por que de algumas coisas e começa a ver o professor que adoraria poder estudar e a escola não libera... por que a gente não pode te liberar por que nesse horário tu vai ter que ta aqui, ai tu vê o professor que ele não quer, que ele ta cansado, que ele só quer fazer o arroz com feijão dele  e ele quer ir embora pra casa entende. Só que tu começa a olhar pra essas pessoas, não de uma forma ai que horror, por que tu tem que... Entende... Não, é isso, só isso a pessoa esta cansada, não sei se ela foi sempre assim... O máximo que você pode fazer é conversar, de repente reavivar alguma coisa que morreu ali que sei la esta desfalecida. Enfim... Comecei a comecei a perceber o ambiente escolar de outras formas, ainda acho que ele pode ser brutal, acho, e não acho que minha visão é errada. Eu não acho que tem que ter uma visão romântica da escola, por que isso não vai me ajudar a trabalhar nela. Então... Mas acho que é isso a dimensão da escola a gente só tem vivendo nela e o PIBID é o mais próximo que um curso de graduação pode, podia oferecer.

**Pesquisadora:** Resumindo o pibid em uma palavra...

**Alice:** Experiência

Apêndice C: Transcrição de entrevista presencial realizada durante a pesquisa

**Entrevista sujeito 3: Helena Thofehrn Lessa**

**Pesquisadora:** Para iniciarmos, fale seu nome, idade e o tempo em que participou do PIBID.

**Helena:** Meu nome é Helena, tenho 31 anos e eu participei do PIBID... Foi um período de 4 meses em 2014.

**Pesquisadora:** Ao participar do PIBID sentiu-se contemplada para o desenvolvimento da sua formação como professor de dança?

**Helena:** Sim! (risos) Me senti... Bom, como eu falei o período em que eu participei do PIBID foi curto. Assim acho que comparando com os colegas que eu lembro que, na época participaram por muito tempo né? Mais de anos assim. Então foi um período curto por razões assim que eu fui... Enfim tendo outras escolhas depois né, mas não por não me sentir contemplada com programa né...  Eu me senti contemplada porque eu acho que foi assim: Eu já estava na época fazendo os estágios também dentro da graduação né. Mas a gente tem um... Acho que é uma outra vivencia dentro do PIBID, né? A gente mergulha mesmo no contexto escolar né! Por mais que no estagio a gente faça isso também é por um curto espaço de tempo né. Ai no PIBID minha sensação assim, foi de mergulho mesmo assim, na escola né. Então eu pude vivenciar mais todo contexto escolar, as situações que envolviam,  que não só naquele horário que eu tava  no estágio, lá antes fazendo né. Ia dando minhas aulas né, mas sim... Em fim todas as  situações   que  ocorriam né, na relação do professor com o aluno. Então a gente conversava porque tinha as reuniões interdisciplinares, lembro que na minha época, acho que até depois mudou um pouquinho o PIBID né? Mas na minha época eu lembro que tinha sim, a gente tinha 20 horas semanais. Aí eu lembro que a gente tinha reuniões que eram da nossa área né, que eram da dança né? Não sei eu posso ir falando isso eu já estou inventando... Tá... Vou falando! Tinha reuniões da nossa área específica da dança né, que a gente se reunia. Eu lembro direitinho sabe que era uma manhã assim: Que a gente ficava a manhã toda juntos e depois tinha as reuniões interdisciplinares também que eu lembro na época que eu tava na escola Assis Brasil. Dai a gente ia para lá e ficava um turno lá na escola, conversando, planejando ação com outras áreas, que daí era parte interdisciplinar. E... Eu me senti contemplada sim! Por que... Eu acho que a gente se debruçou bastante sobre o material que tinha publicado sobre dança e educação sabe? Eu lembro direitinho que a gente leu o livro... Lembro que a gente teve uma tarefa que era ler o livro aquele da Débora Barreto sabe? Dança Ensino e possibilidades na Escola, acho que é Dança Sentidos e possibilidades na Escola[[11]](#footnote-11)... Aí eu lembro que a gente leu aquele livro assim e... e discutimos depois, ai a gente já pensou nas propostas para escola e daí...Foi muito legal de perceber as outras áreas também e de ver como que, a partir daquela as demandas que surgiam ali na escola, a gente conseguia então pensar juntos assim uma proposta que se fosse alinhavada com todas as áreas. E... Eu acho que para mim assim, abriu bastante os horizontes assim sabe? Então eu me senti contemplada sim. E... e eu acho que uma das coisas também que, para mim foi bem importante dentro do PIBID como professora de dança, foi... Dai até eu relaciono um pouco meu perfil assim, que era muito preocupada e muito certinha, assim de pensar na ideia, assim... Não que isso não seja correto, mas eu era muito presa, ideia dos conteúdos hã... Específicos da dança, o que tinha que trabalhar e parara... Muito presa a aquele planejamento. Eu acho que o no PIBID ampliou um pouco meu olhar de... De pensar assim: Que uma das características muito importante enquanto professora é ter sensibilidade né? E às vezes acho que a gente tem que ter essa sensibilidade. Assim, de saber quando eu foco sim nos conteúdos, aqueles específicos, mas quando como que eu posso alinhar isso, com as demandas que eu estou percebendo dentro daquela escola, dentro daquela turma. Então para mim isso foi muito importante, assim dentro do período por mais que tenha sido pouco tempo foi uma experiência assim que... Que eu guardo até hoje assim... (risos).

**Pesquisadora:** E com tudo isso você consegue visualizar o PIBID como uma ponte entre a dança e a escola?

**Helena:** Ah! Sim, eu consigo (risos), por que... Assim aí pensando tanto quando eu fui fazer o estágio na escola né, que isso foi lá... Em 2014/2015 também, primeiro semestre eu fiz estagio e pensando agora, que eu estou aqui no curso como professora substituta, e aí eu fui com os alunos do semestre passado para as escolas, pra supervisionar estágio né! Eu percebo assim, que já existe um movimento de expansão da dança na escola assim né, de no sentido dos professores entenderem um pouco mais qual o papel da dança lá dentro e tal... Mas eu acho que o PIBID é uma ponte muito importante nesse sentido, assim, por que... eu percebo que é insipiente ainda sabe? Assim, tem escolas, principalmente essas que já receberam o PIBID, a gente nota que, existe a relação muito mais próxima assim, com área da dança. Que eles já não entendem a dança só como recreação, eles conseguem identificar a importância né, que a dança... Que a dança tem na escola para os alunos... Então eu vejo com uma ponte sim. O PIBID, como uma ponte para entrada da dança na escola sim e para esse entendimento né, do que é a dança (risos).

**Pesquisadora:** E pegando um pouco do gancho focando um pouco mais do que tu falou lá na primeira pergunta: Você acredita que a interdisciplinaridade no PIBID UFPel possibilitou/possibilita espaço para a Dança dentro da escola tendo em vista sua experiência dentro do programa? Era possível identificar esta interdisciplinaridade?

**Helena:** Aí Ivi...  Assim, para essa pergunta acho que eu vou ficar te devendo um pouquinho de informação porque assim, eu fiquei 4 meses né. Então o que aconteceu nesses 4 meses: A gente estava planejando a ação e sim era uma ação conjunta mesmo, em que eu percebia que, a dança tinha um protagonismo dentro das ações que eram... Que estavam sendo propostas, que a gente estava pensando né... Mas eu saí bem quando a gente ia... Eu sai do PIBID bem no momento que a gente ia de fato experimentar essa ação que a gente estava planejando. Então assim de forma bem prática eu não sei como se deu esse desenvolvimento dentro da escola  assim, mas no planejamento sim, eu conseguia perceber esse protagonismo da dança. Assim, se eu te entendi, assim, não era... Como é que eu vou dizer? Não era deixada de lado em comparação as outras áreas né? Então, por exemplo, a gente tinha, eu me lembro que era Geografia junto, hã... O que mais que tinha? Educação Física em fim... Tinha outras áreas assim. E realmente a gente pensava uma forma de que todas as áreas tivessem a sua... Fosse pontuada a importância de cada área dentro daquela ação né. Isso eu percebi, por que é o que normalmente a gente não percebe muito dentro da escola né. Que é diferente né, então nesse sentido eu acho que o PIBID era... Era ou é ainda né, (risos) esperamos que siga né, mas que... Que é bem importante nesse sentido também.

**Pesquisadora:** E o que motivou a tua participação no PIBID?

**Helena:** Olha o que me motivou foi concomitante com o início do meu processo de estágio no curso, então acho que é um momento que a gente fica mais  apreensivo né? De lidar com essas descobertas com as novidades que na escola né? E essa foi uma dessas razões que me fez querer participar da seleção na época né, para tentar a bolsa do pibid, principalmente por causa dessa experiência assim né, que eu queria vivenciar isso mais a fundo até para me sentir mais segura para entender um pouquinho mais aquele contexto. E é claro que eu não posso negar que, a questão de ter uma bolsa né? Que de certa forma isso me ajudou também, naquele momento que era o momento que eu tinha... Lembro que eu tinha terminado meu mestrado e na época eu não tava trabalhando e aí não tinha a bolsa do mestrado e aí eu tava aqui no curso ainda né. Então foi uma forma me auxiliou financeiramente né! Não tem como negar isso, mas a principal motivação dessa experiência foi a de me aproximar mais da escola mesmo.

**Pesquisadora:** Então, com tudo isso, você conseguiria me apontar os pontos fortes e os  frágeis em relação as suas experiências dentro do pibid? E como a trajetória neste curto tempo foi afetada com essas experiências dentro do pibid?

**Helena:** Em relação a minha participação assim né, como bolsista do programa aí eu acho que meu ponto fraco foi não ter dado continuidade, e ter ficado esse espaço curto de tempo assim né. Porque eu acho que se eu tivesse ficado mais eu poderia ter contribuído mais com programa. Enfim poderia ter o programa contribuído comigo mais poderia ter me engajado durante mais tempo. Mas enfim como eu falei foram para outras questões né... Que eu fui escolhendo e acabei tendo outros rumos. Assim, aí falando dos pontos frágeis sobre o programa especificamente, no momento eu não consigo pensar em nenhum negativo tá? Então vou começar pelos positivos e aí de repente eu consigo ir pensando... Eu vejo como muito positivo porque mesmo aquilo que talvez não tenha sido tão bom, hoje na minha memória já tenha se transformado em boa, por acho que eu consegui refletir a partir daquilo e então se tornou positivo né? Mas eu acho que assim... Talvez repita alguma coisa que eu já falei antes tá? Mas de forma positiva assim, eu posso pontuar que, o programa eu acho que aproxima a área da dança com a escola né? Porque eu principalmente no semestre passado, indo com os alunos na escola supervisionando os estágios, percebia de que a dança, ela ainda não é recebida como as outras áreas na escola. Claro que existem exceções, tem escolas que às vezes mesmo não conhecendo a dança está disposta a isso e ocorre uma relação muito boa para ambos os lados, tanto para a gente que está chegando, quando para escola e a gente se sente... Como é que eu vou dizer... Livre sem precisar pisar em ovos sabe de desenvolver um trabalho legal sabe Um trabalho muito legal  e torna muito rica a experiência. Mas em contrapartida tem escolas que elas ainda têm uma visão bastante equivocada sobre o que a dança né ou não diria que equivocada, mas só tem a visão de um tipo de dança, por exemplo, que a dança é aquela que é a dança espetáculo. Espetacularizada ou que de repente é a dança só voltada para recreação, que até pode ser, mas a dança é muitas, muitas, outras coisas né? Além disso, então principalmente a dança que a gente pensa em trabalhar na escola né, que ela tem uma outra proposta. Então eu percebi bastante isso semestre passado no estágio, eu vejo que o pibid ele tinha esse potencial muito forte sabe, de promover essa aproximação, funcionava quase como uma formação de professores que é o que eu identifiquei no semestre passado. E o que precisa bastante ainda, é justamente por ser uma área nova e incipiente na escola, eu acho que isso e essas ações do pibid ajudavam muito nesse sentido da gente promover esse estreitamento assim sabe? Entre a relação a esse, seriam os pontos positivos. Outro ponto positivo que eu citaria então acho que foi o trabalho que a gente fazia lá dentro, para escola, de conhecer escola, de perceber aquele contexto, de conhecer os alunos, de conhecer aquela realidade. Eu acho isso muito importante para que a gente possa desenvolver um trabalho que de fato leva em consideração a realidade daquele contexto que a gente está atuando né! E aí eu acho que, esse era o outro. Bastante positivo essa questão de trabalhar o sensível assim também sabe, que eu acho que não é uma ação que deve ser considerada só dentro da área das Artes, mas eu acho que em todas as outras áreas sabe? Eu acho que isso venha bastante à tona assim no pibid eu conseguia perceber uma preocupação de todas as áreas do pouco tempo que eu te vi ali, acho que ali eu contaria como outro ponto positivo assim.  Então esses dois assim eu acho que são pontos positivos que eu posso pontuar essa ideia da relação então, do conhecimento né, da aproximação do que é a dança na escola. Essa ideia de conhecer a realidade o contexto pensar ações que... Que vão de encontro dessa realidade na escola eu acho que para mim ficou bastante marcado assim essa ideia...  de também o quanto é importante  isso que a gente fala aqui no curso do professor ser: professor, artista e pesquisador. Acho que fica bem marcado no pibid também porque eu lembro que a gente sempre pensava ações contemplando toda essa tríade assim que eu lembro. Assim, a gente estudava bastante no PIBID, a gente lia muito, a gente pesquisava, a gente ia para a escola, a gente planejava ações e depois  claro, eu não  cheguei a participar da fase que desenvolveram as ações, mais a gente planejava ações. Eu percebo assim até depois aqui, enquanto professora, essa parte também da criação está bastante presente dentro do pibid né! Então eu acho que é um outro ponto positivo também. Pensando mais especificamente na área da dança também né, e olha, eu vou te dizer Ivi que do tempo que eu participei assim, não consigo pontuar nenhum ponto negativo assim sabe? Talvez por eu ter ficado pouco tempo sabe? Mas não consigo ou talvez a minha memória já tenha transformado as coisas que na época, não sei... Talvez não tenham sido tão boas, mas hoje eu vejo como muito boas assim né! E vejo o quanto isso me ajudou né, como essa experiência me ajudou no contato,  agora também com os meus alunos, supervisionando no estágio sabe! Foi tri  importante assim também, porque a minha experiência dentro da escola foi com os estágios aqui na graduação, quando eu fiz a graduação né,  e depois com  pibid, então isso também me ajudou a me sentir assim. Ter um lugar assim... De fala sabe? Me senti contemplada, conseguir conversar com os alunos e compartilhar um pouco da minha experiência também na escola né,  que como a outra vivência foi no espaço não formal de ensino que é muito diferente né, então isso também me ajudou.

**Pesquisadora:** Então... Acho que tu conseguiste responder um pouquinho da próxima questão. Vamos aprofundar mais ainda, você reconhece alguma relação entre a sua atuação como pibidiana e as suas escolhas e oportunidades profissionais depois de formada?

**Helena:** Sim... Risos... Já respondi um pouquinho ali, se eu consigo? Sim, porque eu acho que, nesse contato com PIBID a gente consegue mergulhar mais mesmo nessa vivência enquanto professor, e ver o quão bom isso é mesmo né! Porque claro que nos estágios eles possibilitam isso com certeza né, mas eu acho que pelo PIBID proporcionar esse mergulho mais profundo mesmo, na realidade da escola né. E eu acho que existe uma continuidade também maior porque, no estágio a gente acaba e quando a gente fica é aquele tempo aquele espaço de, por exemplo, 3 meses dentro da escola e depois fim, o outro estágio pode ser em outra escola então não existe uma continuidade. O PIBID eu acho que proporciona mais essa vivência assim né, e a gente consegue conhecer mais a realidade mesmo e ver se é bom, será que é isso mesmo que eu quero? Que eu penso? Que eu quero fazer? Se eu gosto, se eu tô disposta a lutar... Porque a gente sabe que isso envolve a escolha de ser professor o desafio o que é. Eu acho que nesse sentido isso me ajudou bastante assim né, porque eu vejo que é isso que eu quero fazer. Independente de ser no ensino superior ou na escola porque eu também me vejo assim sabe? Por que embora neste momento eu esteja aqui, daqui a pouco eu não vou mais estar, enquanto professor atuando neste outro espaço da Educação Básica e aí eu digo que sim, o pibid refletiu nessas coisas né.

**Pesquisadora:** Atuar como pibidiano em escolas da rede pública e vivenciar a rotina de professor possibilitou uma reflexão a cerca do ensino de dança nas escolas? Como isso interfere no exercício de sua profissão?

**Helena:** Ah com certeza! Como eu falei antes já, eu acho que perceber assim a importância da dança na escola né? E perceber como ela é insipiente ainda nas escolas. Acho que, fez com que eu pensasse assim, bom eu quero mostrar o quanto ela é importante sabe? Eu quero fazer com que isso aconteça de verdade né  então... Eu acho que, até pensando nessa motivação assim né? Eu acho que a gente tem que ter aquilo que a gente faz né? Tem que ter um sentido né. Eu acho que eu vejo muito sentido assim sabe, para mim. Perceber às vezes também querendo ou não comparando com outras áreas que a gente tinha dentro do pibid a gente vê como era, mas era áreas mais consolidadas, claro pelo tempo que tem dentro da escola e tal. E eu vi assim, porque que a dança é diferente? Não é né! E porque que ela não é tão bem aceita quanto às outras áreas. Eu quero fazer com que ela seja sabe? Então acho que isso é uma coisa que motivou bastante assim sabe? De pensar que bom! É isso aí né?

**Pesquisadora:** Então o que se fosse possível você modificaria na sua trajetória dentro do pibid e no próprio pibid?

Silêncio pensando...

**Helena:** Não sei fiquei pensando, só não sei nem se isso não acontecia, mas dentro da minha trajetória do pibid, foi o que eu falei antes, eu gostaria de ter vivenciado mais tempo essa experiência que eu fiquei pouco tempo. Mas uma das coisas que eu lembro é que... Isso eu não sei se mudou tá? Então eu vou falar parte da minha experiência. Eu lembro que na época a gente tinha aquelas que reuniões que eram da nossa área e daí a gente, os coordenadores daqui e professores aqui do curso, aí a gente ia lá pra escola só que, aí tinha uma coordenadora da escola coordenadora-geral... Não  se era bem esse nome que era de outra área e que coordenava  toda aquela ação que era executada na escola e isso em alguns momentos causavam também, eu me lembro não atrito sabe? Mas chegou a ter alguns problemas às vezes essa professora que estava lá também não conhecia especificamente o que a gente... Enfim  estávamos propondo enquanto alunos do curso de dança e claro que isso também era legal,  por um lado porque aí ela passava conhecer porque também é isso que a gente quer, que as pessoas conheçam o que é a dança, mas ao mesmo tempo fiquei pensando se não seria legal também ter uma espécie de rotatividade, os professores que ficavam lá na escola né. Não sei o quanto isso é viável em termos burocráticos e enfim, mas também, talvez fosse legal para que a gente e para que eles também pudessem ter outras experiências e a gente também né, porque às vezes eu senti a falta de assim... Ah! Se tivesse um professor da nossa área aqui para nos dar suporte ou para nos ajudar assegurar esse lugar da dança sabe e tudo mais então acho que é mais nesse sentido assim sabe...  Não sei se era muito nesse viés que tu queria saber assim, mas se era antes viesse sugestão mais ou menos... o que eu mudaria no próprio pibid? Acho que o principal é que ele fica funcionando né, porque agora a gente está passando... Enfim o país agora está passando por um momento muito complicado na política e tudo mais e a gente tem medo do que pode acontecer né eu espero só que esse tipo de ação continue sendo fomentados sabe, tipo porque vai ser uma perda bem grande se não for.

**Pesquisadora:** E a última pergunta defina o pibid em uma palavra.

Silêncio...

**Helena:** Troca, é acho que troca, é difícil definir uma palavra né então é isso!

**Pesquisadora:** Muito obrigada!

Apêndice D: Lista de sujeitos 1 (aplicação do questionário)

1. ALEX SANDER SILVEIRA DE ALMEIDA
2. ALICE BRAZ ITURRIET
3. ALLAN MOSCON ZAMPERINI
4. CAROLINE RIBEIRO PAZ
5. CLEYCE SILVA COLINS
6. HELENA THOFEHRN LESSA
7. JAINNE CRISTINA PAES LADEIRA
8. JANINE LOPES OTT
9. JAQUELINE SILVA VIGORITO
10. JESSICA OLIVEIRA DE CARVALHO
11. JULIANA DE MORAES COELHO
12. KELLY SOUZA SILVA
13. LETICIA GABRIELA LUPINACCI
14. LUCIANA RASSWEILER DE CAMPOS
15. MAIARA CRISTINA MORAES GONCALVES
16. MARIA EDUARDA DE SOUZA TEJADA SAYÃO
17. ROBSON TEIXEIRA PORTO
18. TAIS BASTOS BOTELHO

Apêndice E: Questionário de levantamento de interesse e seleção dos entrevistados

Responda as seguintes questões

1. Nome:\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_
2. Idade:\_\_\_\_
3. Gênero: ( ) Feminino ( ) Masculino ( ) Outro
4. Local de residência atual: \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_
5. Em qual ano ingressou na universidade e qual o ano de sua formatura? \_
6. Seu ingresso na universidade foi por meio de cotas?

( ) Sim ( ) Não

1. Se sim, qual? \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_
2. Atuou no PIBID por quanto e em quais anos?
3. Atualmente está trabalhando?

( ) Sim ( ) Não

Se sim, onde e em que cidade?

1. Se sim, discorra acerca de suas atividades relativas ao trabalho que desenvolve. \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

Apêndice F: Lista de sujeitos 2 aplicação da entrevista

1. ALICE BRAZ ITURRIET
2. HELENA THOFEHRN LESSA
3. JANINE LOPES OTT
4. JESSICA OLIVEIRA DE CARVALHO
5. JULIANA DE MORAES COELHO
6. ROBSON TEIXEIRA PORTO

Apêndice G: Lista de sujeitos 3 (entrevista aplicada)

1. ALICE BRAZ ITURRIET
2. HELENA THOFEHRN LESSA
3. ROBSON TEIXEIRA PORTO

Apêndice H: Roteiro da entrevista:

1. Ao participar do PIBID sentiu-se contemplado para o desenvolvimento da sua formação como professor de dança?

Sim ( ) Não ( )

1. Você visualiza o PIBID como uma ponte entre a dança e a escola?

Sim ( ) Não ( )

1. Você identificava/identifica interdisciplinaridade no PIBID UFPel?

Sim ( ) Não ( ) Comente:

1. Você acha que a interdisciplinaridade no PIBID UFPel possibilitou/possibilita espaço para a Dança dentro da escola?

Sim ( ) Não ( )

Comente:

1. O que motivou a sua participação no Programa de Bolsas de Iniciação a Docência?
2. Apontando pontos positivos e pontos negativos, disserte acerca de suas experiências em relação a sua participação no PIBID: e de qual forma sua trajetória foi afetada?
3. Você reconhece alguma relação entre sua atuação como pibidiano e suas escolhas/oportunidades profissionais depois de formado? Comente:
4. Atuar como pibidiano em escolas da rede pública e vivenciar a rotina de professor possibilitou uma reflexão a cerca do ensino de dança nas escolas? Como isso interfere no exercício de sua profissão?

Perguntas que surgiram no decorrer das entrevistas:

1. Você consegue visualizar em algum momento nesses 4 anos. Não digo que foi de fato dentro do PIBID, mas que foi por meio dele que tu disseste: Que é isso que eu quero o resto da minha vida, ser professora?
2. Defina o PIBID em uma palavra:

Apêndice I: Tabulação das entrevistas

Robson Porto

|  |  |
| --- | --- |
| TÓPICOS DE INTERESSE | RESPOSTAS |
| SOBRE DESPERTAR DA VONTADE DE SER PROFESSOR | Não interferiu, pois antes do PIBID já atuava como professor de dança e após minha participação no programa continuei atuando na mesma função. Contudo, o PIBID contribuiu positivamente para a minha formação docente. |
| PERCEPÇÕES SOBRE EXPERIÊNCIAS NO PIBID | O PIBID me pegou pela mão  e disse: “tu pode mais do que isso. Tu podes entrar numa pós-graduação... Então acho que foi por isso que eu tive contato tão forte com pibid de início, porque foi o que me abriu as portas para pesquisa, me abriu outras possibilidades”... Então eu acho que essa contribuição não foi só para a formação do professor, mas para a formação do pesquisador também. Essa foi a maior contribuição para minha formação e carreira docente. |
| ESCOLHAS PROFISSIONAIS | Professor substituto na UFPel (ensino, pesquisa e extensão); professor de dança de salão em escolas de dança (Rio Grande e Pelotas). |

Apêndice J: Tabulação das entrevistas

Alice Braz

|  |  |
| --- | --- |
| TÓPICOS DE INTERESSE | RESPOSTAS |
| SOBRE DESPERTAR DA VONTADE DE SER PROFESSOR | Eu não sei! Porque eu entrei nele querendo ser professora, mas eu poderia ter tomado um susto. |
| PERCEPÇÕES SOBRE EXPERIÊNCIAS NO PIBID | Entrei no PIBID por ser uma bolsa ligada a educação em ambiente escolar, por seu intuito de qualificar futuros professores. A influência se deu principalmente no que tocante à interdisciplinaridade (ou na tentativa do seu exercício), na percepção de que quanto mais conheço minha área, maiores são as possibilidades de diálogos e mais rico e fluído pode ser o meu fazer docente. |
| ESCOLHAS PROFISSIONAIS | Não atua na docência no momento |

Apêndice K: Tabulação das entrevistas

Helena Lessa

|  |  |
| --- | --- |
| TÓPICOS DE INTERESSE | RESPOSTAS |
| SOBRE DESPERTAR DA VONTADE DE SER PROFESSOR | Antes de ingressar no PIBID acreditava que minha escolha profissional era a docência por já ter outra formação acadêmica e estar finalizando o mestrado na época. No entanto, foi em 2014, justamente na época da experiência do PIBID, que percebi que gostaria de atuar como docente especificamente na área de dança. Por ter cursado o currículo antigo do curso de Dança, foi com o PIBID que tive minha primeira experiência na escola, em que pude perceber a diversidade do contexto escolar e os desafios de trabalhar com a dança nesse espaço. |
| PERCEPÇÕES SOBRE EXPERIÊNCIAS NO PIBID | Por mais que meu tempo no Programa tenha sido reduzido, ele foi mais uma possibilidade de vivenciar o cotidiano da realidade escolar, conversar com as outras áreas e refletir sobre o ensino de dança na educação básica. Atualmente trabalho principalmente com disciplinas da área pedagógica e a experiência de ter sido pibidiana traz maior segurança e apropriação para a minha prática docente. |
| ESCOLHAS PROFISSIONAIS | Professora substituta no curso de Dança - Licenciatura na Universidade Federal de Pelotas. |

Apêndice L

**Termo de autorização de depoimentos**

Eu HELENA THOFEHRN LESSA, AUTORIZO, através deste termo, a pesquisadora Ivânia Silva de Oliveira, portadora do CPF nº 019.674. 690-67, a utilizar depoimentos para fins de pesquisa científica sobre egressos do Curso de Dança que participaram do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência. Sendo os depoimentos, utilizados para a análise de dados do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: **O despertar para docência:** do PIBID Dança para a sala de aula. Orientado pela Profª Drª Eleonora Campos da Motta Santos que está vinculada ao curso de Dança-Licenciatura do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas.

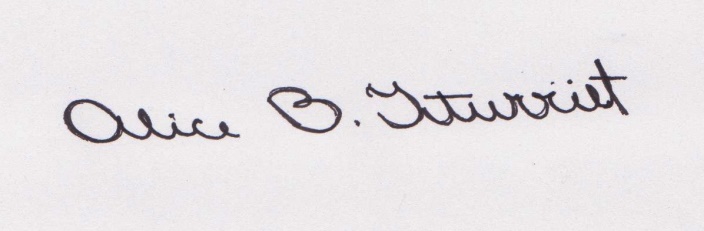
Assinatura do entrevistado



Pelotas, 11 de Dezembro de 2018

Apêndice M

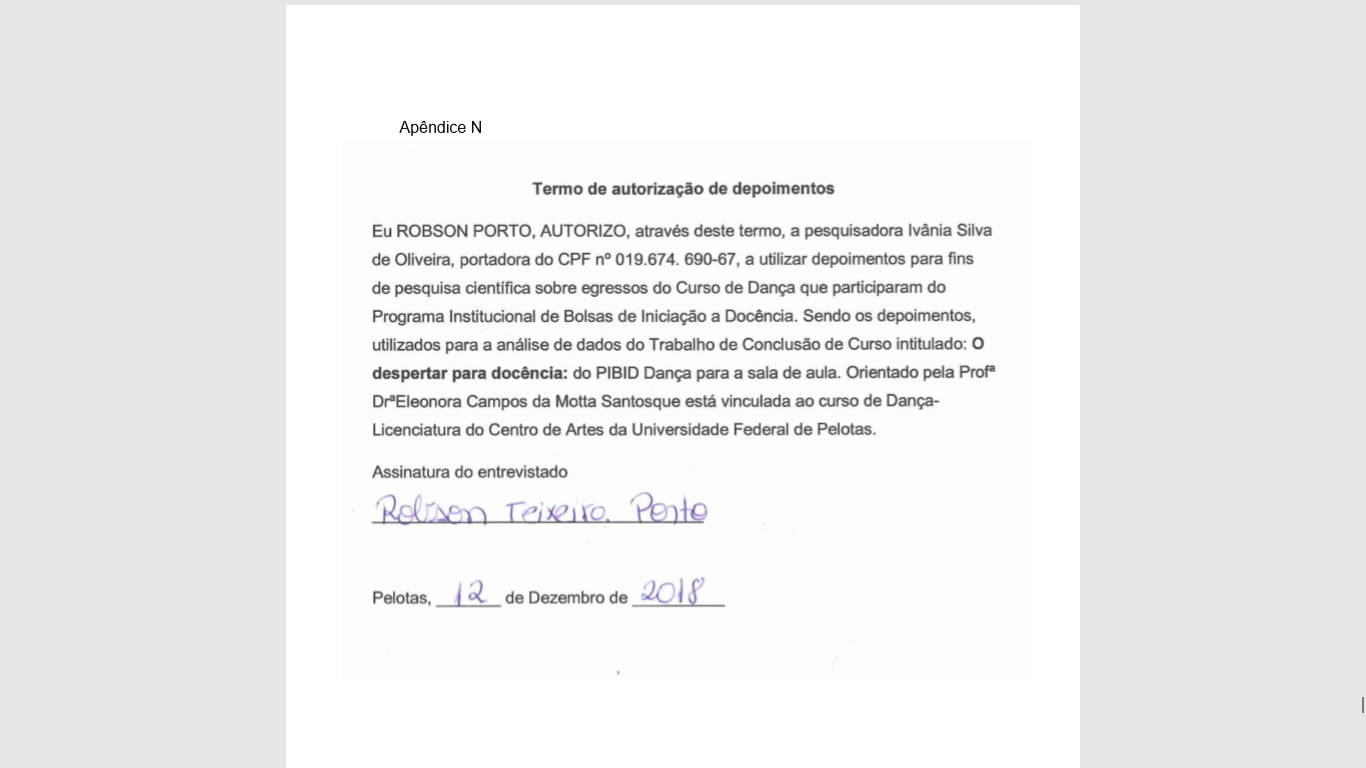
**Termo de autorização de depoimentos**

Eu ALICE BRAZ ITURRIET, AUTORIZO, através deste termo, a pesquisadora Ivânia Silva de Oliveira, portadora do CPF nº 019.674. 690-67, a utilizar depoimentos para fins de pesquisa científica sobre egressos do Curso de Dança que participaram do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência. Sendo os depoimentos, utilizados para a análise de dados do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: **O despertar para docência:** do PIBID Dança para a sala de aula. Orientado pela Profª Drª Eleonora Campos da Motta Santos que está vinculada ao curso de Dança-Licenciatura do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas.

Assinatura do entrevistado

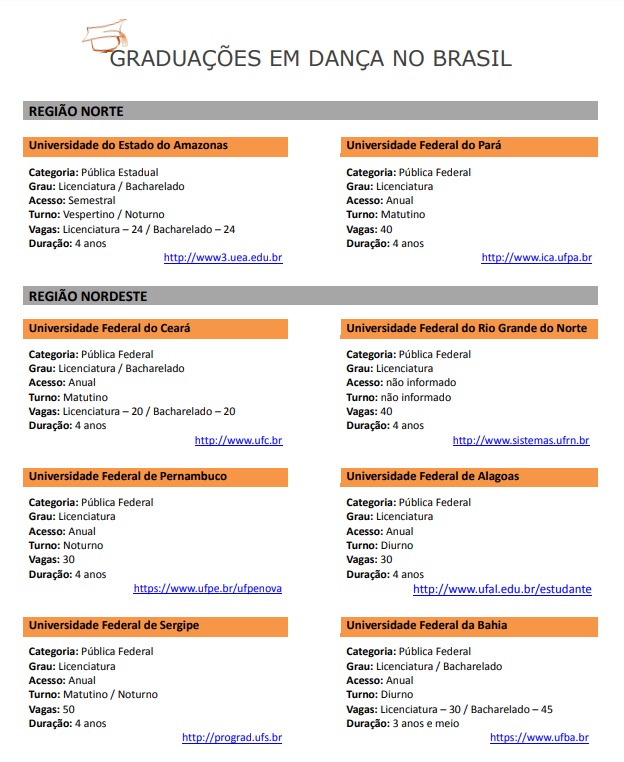
\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

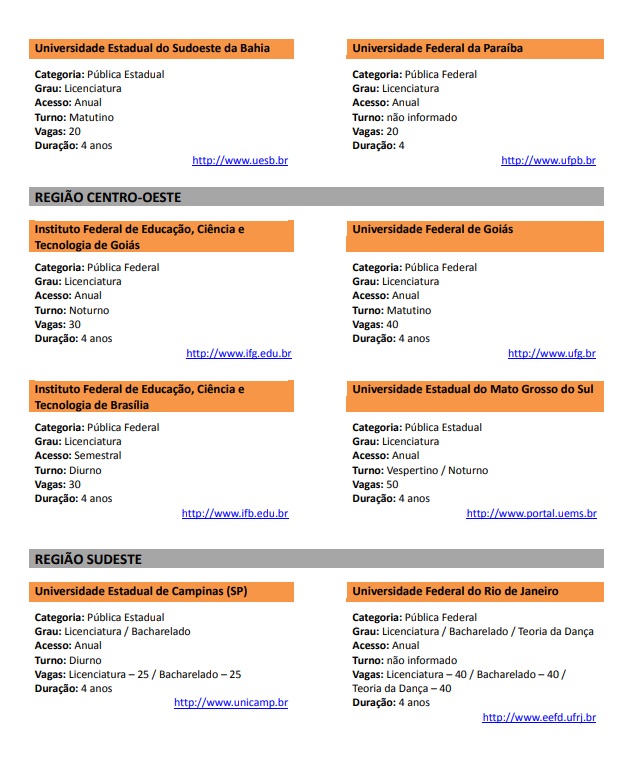
Pelotas, 11 de Dezembro de 2018.



# Anexo

Anexo A







1. O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência, cujo contexto e formatação são detalhadamente apresentados no item 2.2 desta monografia, foi um programa criado no ano de 2007, pelo ministro da Educação, na época Fernando Haddad, durante o governo Lula. [↑](#footnote-ref-1)
2. Para contextualização detalhada ver o item 2.3 desta monografia. [↑](#footnote-ref-2)
3. ## Os PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais são diretrizes elaboradas para orientar os educadores por meio da normatização de alguns aspectos fundamentais concernentes a cada disciplina

   [↑](#footnote-ref-3)
4. Dados retirados do site: http://www.ifdj.com.br [↑](#footnote-ref-4)
5. Coordenação de Apoio e Pessoal de Nível Superior [↑](#footnote-ref-5)
6. Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais [↑](#footnote-ref-6)
7. <http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid/relatorios-e-dados> [↑](#footnote-ref-7)
8. <https://institucional.ufpel.edu.br/cursos/cod/5320>. [↑](#footnote-ref-8)
9. Graduada no curso de Educação Física- Licenciatura Plena no ano de 2007. Possui especialização em Pesquisa em Educação Física e mestrado em Educação Física, ambos pela Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas, com projetos voltados à Dança. Professora e ex-coordenadora adjunta do Curso de Dança: Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas. Atuou nos estágios supervisionados em Dança e coordenou o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) - Subprojeto Dança; Atualmente encontra- se em afastamento em conta do Doutorado. [↑](#footnote-ref-9)
10. Instituição de Ensino Superior [↑](#footnote-ref-10)
11. BARRETO, Debora. Dança... ensino, sentidos e possibilidades na escola. 1998. [↑](#footnote-ref-11)